



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**  
**Curso de Psicologia**

**Jéssica Rodrigues Queiroga**

**AS MULHERES E O TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DE  
TRABALHADORAS DA LIMPEZA DA PUC-SP**

**SÃO PAULO**  
**2020**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**

**Curso de Psicologia**

**Jéssica Rodrigues Queiroga**

**AS MULHERES E O TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DE  
TRABALHADORAS DA LIMPEZA DA PUC-SP**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para a graduação no curso de  
Psicologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cris  
Fernández Andrada

São Paulo

2020

Dedico a minha mãe, Cristina, e a minha vó, Neli, as maiores trabalhadoras que tive a honra de conhecer, e que me inspiraram a fazer esta pesquisa. A elas, todo o meu amor e eterna gratidão.

## **Agradecimentos**

Agradeço à proteção divina que me acompanhou neste percurso acadêmico, e que foi essencial para iluminar cada dia difícil. A minha mãe, Cristina, mulher que me inspira, me ampara e fez este trabalho ser possível graças a todo amor e cuidado que me deu ao longo da vida. Quando começou a me ensinar as primeiras letras, já estava me ensinando como o afeto transforma o aprendizado, e cá estou eu, colocando todo o meu afeto em um estudo, como fui ensinada. Ao meu pai, Paulo, que embora não esteja mais em vida terrena, se faz presente em mim e orgulhosamente dizia para todos que sua filha estava na faculdade.

A toda a minha família, que desde cedo me mostrou a importância dos estudos e celebrou comigo a conquista da tão sonhada bolsa na universidade. A minha vó Neli, especialmente, que sempre se emociona ao dizer que, quando olha para seus filhos e netas, vê que toda a sua luta de uma vida inteira de muito trabalho valeu a pena. E ao Luiz, que com tanto amor e companheirismo me encheu de vida nesta trajetória.

Aos meus amigos que me acompanham desde a infância, alguns desde a adolescência, me trazendo leveza, entusiasmo e lindas palavras de incentivo. Por falar em amigos, cabe aqui um agradecimento especial à Letícia, que com todo seu afeto e sensibilidade sempre compreendeu o que eu buscava com esta pesquisa, e disse que era possível, dividindo comigo as dores e as alegrias da vida acadêmica, dividindo também a mesma orientadora. E que honra a nossa.

Por falar neste imenso presente, agradeço à Cris Andrada, minha orientadora, pois eu não poderia ter trilhado este caminho em melhor companhia. Seu amor pelo que faz é notável e inspirador, sua generosidade ao compartilhar todo o conhecimento que tem é uma das coisas mais lindas que vi na faculdade, guardarei sempre nas minhas melhores lembranças.

Agradeço incansavelmente à Edna e Magorie, as protagonistas deste trabalho, as auxiliares de limpeza que compartilharam comigo suas histórias e permitiram a materialização daquilo que era apenas uma ideia. E ao Ronaldo Martins, trabalhador da PUC-SP, que com tamanha generosidade me colocou em contato com as trabalhadoras.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse à Psicologia, ou que ela chegasse até mim. Foi árduo, mas também foi muito bonito. Graças a vocês e por vocês.

*“O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial. Eis a filosofia que é transmitida à criança, que a absorve junto com a grandeza dos socialmente “pequenos” a quem votamos nossa primeira afeição e que podem guiar nossa percepção nascente do mundo.”*

**Ecléa Bosi**

## RESUMO

As mudanças recentes no mundo do trabalho trouxeram consigo uma crescente precarização que se expressa em diversas dimensões, e que afeta de modo ainda mais intenso aquelas populações historicamente mais vulneráveis. Assim, o presente trabalho busca compreender as repercussões psicossociais do trabalho vivenciadas por trabalhadoras terceirizadas responsáveis pela limpeza da PUC-SP, especificamente, quais significados e sentidos elas atribuem ao trabalho em suas vidas; como experienciam o cotidiano e as desigualdades estruturais; e a centralidade do gênero nessa experiência de trabalho. Propomos este estudo na perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social do Trabalho e dos estudos psicossociais sobre Memória Social. Foram realizadas duas entrevistas prolongadas e semiabertas, uma com cada trabalhadora participante da pesquisa. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas de acordo com o marco teórico-metodológico adotado como referência do estudo. A partir da fala das trabalhadoras percebemos que o direito à cidadania parece ser obtido a partir do trabalho, trabalho que também confere emancipação econômica, garante o sustento dos filhos, as insere socialmente, impacta na saúde, mantém a vida material e imaterial. O trabalho que realizam as coloca em um lugar de alta subordinação, além disso, as desigualdades de gênero, raça e classe impactam suas experiências no trabalho e na vida social como um todo, ainda assim, vemos que elas não assistem à vida passivamente, do modo que é possível, expressam astúcia e resistência. Reafirmamos assim a importância de o psicólogo estar em contato com as vivências e o saber dos trabalhadores, atento aos diversos sentidos e significados atribuídos ao trabalho e contribuindo para a construção de relações mais justas e saudáveis nos ambientes laborais.

Palavras-chave: mulher, trabalho, Psicologia Social do Trabalho

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>1 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE</b> .....	8
1.1 <b>As recentes reconfigurações do mundo do trabalho no Brasil</b> .....	8
1.2 <b>O trabalho e a saúde</b> .....	11
1.3 <b>O entrelaçamento de gênero, raça e trabalho</b> .....	15
<b>2 MÉTODO</b> .....	21
2.1 <b>A Psicologia Social do Trabalho e os estudos sobre Memória Social</b> .....	21
2.2 <b>Percurso da pesquisa: procedimentos e demais escolhas de método</b> .....	22
<b>3 AS EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO E A VIDA SOCIAL</b> .....	24
3.1 <b>Magorie</b> .....	24
3.1.1 <i>O trabalho e o respeito</i> .....	25
3.1.2 <i>A mãe trabalhadora: “Você quer que seus filhos estudem”</i> .....	26
3.1.3 <i>O racismo: “Tem bastante brasileiro que não gosta de brasileiro preto”</i> .....	27
3.2 <b>Edna</b> .....	28
3.2.1 <i>Centralidade do trabalho e emancipação feminina: “O trabalho é vida, é tudo”</i> .....	30
3.2.2 <i>A desvalorização social do trabalho: “Tem que passar confiança”</i> .....	32
3.2.3 <i>A (im)possibilidade de estudar: “Por enquanto não, não sonho”</i> .....	33
3.2.4 <i>O cotidiano de trabalho: “Meu dia a dia é mais banheiro”</i> .....	35
3.2.5 <i>A subordinação no trabalho: “A gente tem que querer o que eles querem”</i> .....	36
<b>4 AS REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS DO TRABALHO PARA AS AUXILIARES DE LIMPEZA DA PUC-SP</b> .....	38
4.1 <b>Sentidos e significados atribuídos ao trabalho</b> .....	38
4.2 <b>O cotidiano de trabalho e as desigualdades estruturais: entre a astúcia e a subordinação</b> .....	41
4.3 <b>A mulher, o trabalho e outras desigualdades</b> .....	44
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	51
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	58
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas .....	60
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	61

## **Apresentação**

Pensar sobre a relação das mulheres com o trabalho é algo que me ocorre desde quando comecei a perceber como as mulheres a minha volta lidavam com seus trabalhos, como essas atividades as faziam se posicionar e serem vistas de uma determinada forma no mundo. Ao entrar na faculdade de Psicologia, tive a oportunidade de pensar sobre as relações de poder envolvendo gênero, raça e classe, e como os trabalhos desvalorizados socialmente afetam a subjetividade dos trabalhadores. Assim, quis me debruçar sobre como isso se dá para as trabalhadoras da limpeza da universidade que frequento todos os dias.

Durante o tempo em que me dediquei a esta pesquisa, fui descobrindo autoras, algumas delas, mulheres negras como eu, que me ajudaram a dar forma para este estudo e a compreender um pouco melhor as nuances da resistência diária das trabalhadoras que aqui compartilharam suas experiências, experiências estas que, apesar de possuírem suas singularidades, me são familiares. Então, Edna e Magorie falam por si, mas também dão voz à história de muitas outras mulheres que constroem esse mundo e se constroem a partir dele.

Este trabalho fala sobre histórias que merecem ser registradas, das injustiças que precisam ser combatidas e do complexo mundo do trabalho, com suas inúmeras contradições. Fala também sobre como a Psicologia pode contribuir com um olhar crítico nos estudos sobre o trabalho, cumprindo com seu compromisso ético-político na construção de uma sociedade menos desigual, fazendo ecoar as vozes dessas trabalhadoras para além destas páginas e do pouco espaço que lhes é dado.

## 1 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Neste capítulo, pretendemos apresentar um breve panorama sobre o mundo do trabalho atual no Brasil, bem como as implicações que as recentes reconfigurações geram na saúde dos trabalhadores. Abordaremos aqui também as questões de gênero e raça que perpassam a vida de tantos trabalhadores, inclusive das trabalhadoras que participaram da presente pesquisa.

### 1.1 As recentes reconfigurações do mundo do trabalho no Brasil

O trabalho, na concepção marxista, é uma ação voluntária, planejada e consciente, através da qual os seres humanos podem se construir e construir um mundo para si, em uma relação dialética. O trabalho humano se distingue do mero funcionamento instintivo dos animais, por exemplo, das abelhas, como na conhecida analogia feita por Marx, estando relacionado à liberdade, potência e devir. Entretanto, o que vemos é que com o desenvolvimento do capitalismo e o acirramento de suas tecnologias de espoliação, o trabalho tendeu hegemonicamente a tornar-se um automatismo, típico da segmentação do trabalho do modelo taylorista/fordista, que visa tornar o trabalho mais produtivo e lucrativo para os interesses privados. Nesta relação, a energia humana tende a ser reduzida à condição de mercadoria, e a força de trabalho comprada dá ao comprador o “direito” de decidir onde, como e quando essa força será empregada. (MARX, 2004, 2011)

Nos dias de hoje, o modelo taylorista/fordista deixou de ser o único existente e a precarização do trabalho atingiu muitas nuances. Atualmente, cada vez menos homens e mulheres trabalham mais e em ritmo mais acelerado, ou seja, o número de empregados diminuiu e ainda assim, a produção só cresce. As empresas desejam um único trabalhador que “faça de tudo”, que seja polivalente, multifuncional, o chamado “colaborador”, típico do modelo toyotista, que se diferencia do fordismo em vários aspectos, dentre eles: 1) a produção está ligada à demanda, que se diferencia de uma produção em série e em massa; 2) cada trabalhador tem múltiplas funções e o trabalho “em equipe” é estimulado, diferente do caráter parcelar do fordismo; 3) o processo produtivo é flexível e um mesmo homem pode operar várias máquinas simultaneamente; 4) a produção deve acontecer no menor tempo possível, a ideia do *just in time*. (ANTUNES; DRUCK, 2013)

Diante dessas complexificações e de outras mudanças que serão tratadas adiante, Ricardo Antunes (2007) fala em *classe-que-vive-do-trabalho*, como uma expressão que traz validade contemporânea à chamada *classe trabalhadora* de Marx, sendo que, a classe-que-vive-do-trabalho se refere sim ao proletariado industrial produtivo - que produz diretamente mais valia- , mas abrange também os trabalhadores improdutivos, cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, abrange qualquer homem ou mulher que viva da venda da sua força de trabalho e que não detenha os meios

de produção, incluindo também os que estão desempregados. Segundo o autor, estariam excluídos desta categoria os gestores do capital, os pequenos empresários e a pequena burguesia urbana e rural que, mesmo em pequena escala, detém os meios de sua produção, além de estarem excluídos também os que vivem de juros e especulação.

Ainda conforme Antunes (1999), vemos o trabalho regulamentado e contratado, dominante no século XX, dando lugar a trabalhos voluntários, “empreendedorismos”, terceirização e contratos temporários, sem registro formalizado, cenário que o autor chama de *precarização estrutural do trabalho*, no qual os capitais globais ainda exigem o desmonte da legislação social protetora do trabalho, dos direitos conquistados arduamente pela classe trabalhadora. Também se observa um aumento no chamado terceiro setor, empresas de perfil mais comunitário, o que, para Antunes, “não é uma alternativa efetiva e duradoura ao mercado de trabalho capitalista, mas cumpre um papel de funcionalidade ao incorporar parcelas de trabalhadores desempregados pelo capital” (p. 113).

Além disso, outra tendência global no mundo do trabalho se verifica pelo aumento da presença feminina na força de trabalho de diversos países, entretanto, isso não se traduziu em salários igualitários para homens e mulheres, assunto que ainda será tratado a seguir. É fato também que a reestruturação produtiva expulsou muitos trabalhadores das indústrias, e o setor de serviços, que à princípio, absorveu uma parte deles, atualmente não absorve com a mesma intensidade, devido às mutações organizacionais, tecnológicas e de gestão. (ANTUNES, 2007)

Se este mundo do trabalho atual exclui jovens, os trabalhadores mais velhos, aqueles acima dos 40 anos, se veem ainda mais excluídos, sendo considerados herdeiros da cultura fordista e não mais desejáveis na era toyotista, de trabalhadores “polivalentes e multifuncionais”. Além dessas tendências, tem se expandido também o trabalho produtivo em domicílio, que na prática, se mescla com o trabalho reprodutivo doméstico, quase sempre realizado por mulheres. (ANTUNES, 2007)

Ainda falando sobre as tendências observadas no mundo do trabalho, devemos dar especial atenção à terceirização, que faz parte da condição de trabalho das auxiliares de limpeza da PUC-SP. A crise do padrão de acumulação taylorista/fordista no final dos anos 1960 e a reestruturação produtiva global, que se fez necessária a seguir para que o capital prosseguisse com seu projeto de hegemonia, fazem parte do contexto histórico que permitiu a expansão da terceirização. Esse projeto de hegemonia foi confrontado pelas forças sociais do trabalho, especialmente em 1968, e se reestruturou em um padrão de acumulação flexível, o modelo toyotista já mencionado. (ANTUNES; DRUCK, 2013)

Na terceirização, as relações sociais entre capital e trabalho se travestem de relações entre empresas, entre instituições, e os contratos entre essas empresas são feitos de forma temporária, flexível, de acordo com as demandas da contratante. Em geral, os trabalhadores terceirizados não têm as mesmas condições de trabalho que os trabalhadores contratados diretamente, têm acesso limitado

às instalações da empresa, recebem treinamentos diferentes, têm jornadas mais extensas, salários menores, e até piores condições de segurança. (ANTUNES; DRUCK, 2013)

Em 2017, foi promulgada a Lei nº 13.429/17, que regulamenta o trabalho terceirizado e o trabalho temporário, e bem como recorda Krein (2018), no mesmo ano ocorreu a reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), que alterou diversos aspectos da CLT, mudando assim o padrão de regulação pública do trabalho. O autor afirma que “por regulação pública se compreende o processo de definição das regras com base na ação dos trabalhadores, por meio de negociação coletiva ou regulamentação estatal, que se traduz na colocação de limites sobre a forma como o capital utiliza a força de trabalho” (p.78-79). Krein aponta que a regulação pública é necessária por haver uma assimetria na relação entre capital e trabalho, na qual o trabalhador é o elo mais frágil, além disso, deve-se ter sempre em mente que a força de trabalho vem de seres humanos, portanto, não pode ser tratada como uma mercadoria qualquer. No entanto, com aspectos inclusive considerados inconstitucionais pelo Ministério Público do Trabalho, a reforma fortaleceu a autorregulação do mercado e ampliou a liberdade do empregador, oferecendo-lhe um maior “cardápio” de opções de manejo da força de trabalho e das condições de contratação.

Apesar de as empresas contratantes defenderem que a terceirização faz parte do processo de modernização, expressando especialização e focalização nos negócios, o que se verifica é que as empresas visam reduzir seus custos e transferir a responsabilidade legal trabalhista para a empresa terceirizada, isso sem abrir mão da gestão do processo de trabalho. (ANTUNES; DRUCK, 2013) Até 2017, era proibida a terceirização de atividades-fim, ou seja, da atividade principal de uma empresa, o que vai ao encontro da ideia de que a terceirização só atingiria as atividades-meio e favoreceria a focalização naquela que é a atividade principal da empresa, entretanto, a reforma trabalhista passou a prever expressamente a possibilidade de terceirização também de atividades-fim. (KREIN, 2018)

Em relação a atendimento médico, ambulatorial e de refeição destinados aos seus empregados diretos, não há obrigatoriedade para que a empresa contratante estenda os mesmos direitos para os trabalhadores da empresa de prestação de serviços, bem como expresso no Art. 5º-A da Lei nº 13.429/17. (BRASIL, 2017, p. 2) A terceirização com suas características fragmenta as identidades coletivas de trabalhadores e cria concorrência entre os que trabalham no mesmo local, às vezes, até nas mesmas funções, mas que estão separados por regimes de trabalho distintos. (ANTUNES; DRUCK, 2013)

Diante dessas diversas configurações que o trabalho pode ter, Maria Chalfin, Edite Krawulski e Dulce H. Penna Soares (2007) defendem que o trabalho é fundante do ser humano e de sua sociabilidade, e afirmam que o mundo do trabalho atual, tão precarizado e sem estabilidade, dificulta a construção de narrativas individuais e o estabelecimento de vínculos do trabalhador com os outros e também com o seu fazer. Ainda assim, em meio a relações laborais marcadas, em sua maioria, pela

insegurança, estranhamento e incertezas, as autoras afirmam que os trabalhadores buscam organizar suas experiências cotidianas de um modo que faça sentido para eles mesmos e para os outros que os cercam, formando um conjunto que pode ser percebido como o seu eu, como uma biografia.

Pensando nos sentidos que o trabalho pode ter, Morin, Tonelli e Pliopas (2007) realizaram uma pesquisa com quinze alunos de um curso de especialização em administração em São Paulo, e em entrevistas colheram dados sobre os sentidos que esses jovens atribuem ao trabalho. Foi encontrado que, para estes estudantes, o sentido do trabalho aparece em três dimensões: individual, organizacional e social. Na dimensão individual é possível observar que a autonomia, sobrevivência, aprendizagem, possibilidade de atingir cargos mais altos na escala hierárquica e construção de identidade são pontos recorrentes em suas falas. Na dimensão organizacional, falam sobre relacionamentos entre chefes e colegas, e sobre a importância que veem em seu trabalho ser útil para a organização. E por fim, na dimensão social, citam como algo importante a inserção na sociedade e contribuição para a mesma.

Percebemos então que, para eles, ganhar dinheiro é importante, mas não é o suficiente para um trabalho fazer sentido. A maioria dos entrevistados também diz ter orgulho do trabalho que exerce, ou seja, eles têm uma percepção positiva de seus trabalhos atuais, o que segundo as autoras, já era esperado dado o contexto de vida dos entrevistados. Portanto, elas ressaltam a importância de serem realizadas pesquisas que captem outras vivências que se dão no âmbito do trabalho, de maneira a mostrar experiências diversas das relatadas em sua pesquisa, com outros crivos de classe, gênero e raça/etnia.

Falando justamente de um outro contexto social, Gonçalves Filho (1998) observou que, na fala dos trabalhadores de classes mais baixas, é comum que os temas salário e saúde sejam privilegiados, e não é surpresa que os dois temas andem juntos, uma vez que estão intimamente relacionados. O autor afirma que “o corpo é o apanágio do homem proletarizado: aquele que foi espoliado, oferece o que resta -sua força muscular- como mercadoria para a venda em troca de salário”. (p. 26) Assim, manter a saúde é imprescindível para que se mantenha o salário.

## **1.2 O trabalho e a saúde**

Neste tópico, pretende-se apresentar algumas das diferentes perspectivas que relacionam o mundo do trabalho e processos saúde-doença no Brasil contemporâneo, tendo-se em vista que as trabalhadoras entrevistadas na presente pesquisa fazem diversas conexões entre trabalho e saúde em suas falas.

Christophe Dejours (1986), médico, psicanalista e fundador da abordagem psicodinâmica do trabalho, defende que o processo saúde-doença é fruto de múltiplas determinações, sendo que a saúde está ligada à potência de agir, de ser sujeito, de não ser refém das coisas do mundo. O autor critica a definição internacional de saúde, que a define como um estado de bem-estar físico, mental e social, para dizer que a saúde é mais um objetivo a ser atingido do que um estado, algo imóvel. Para ele, saúde tem relação com movimentos, transformações e recursos para lidar com aquilo que vivemos, saúde não seria viver sem angústia, mas ter como possibilidade a luta contra ela.

Apesar de ser difícil precisar o que seria a saúde mental, Dejours diz que ser saudável mentalmente é ter os meios para buscar o tão almejado bem-estar físico, psíquico e social, é quando o desejar é permitido, e pensando assim, quando o trabalhador não consegue se colocar como um ser que deseja, estamos diante de um trabalho adoecedor. Para o psicanalista, é a organização do trabalho que traz o sofrimento psíquico, sendo que organização do trabalho engloba a divisão de tarefas, o conteúdo das mesmas e a divisão dos homens, ou seja, tem a ver com as tarefas e com as relações humanas.

Pensando também na importância que tem a organização do trabalho no processo saúde-doença, o campo da Saúde do Trabalhador<sup>1</sup> emerge no Brasil produzindo conhecimento teórico, mas também construindo práticas político-ideológicas que repensaram as relações de poder no final da década de 1970, época em que o movimento sindical no Brasil ressurgia. Tendo recebido contribuições da Medicina Social Latino-Americana e da Saúde Coletiva, o campo da Saúde do Trabalhador busca compreender os processos de saúde-doença não trabalhando apenas com a categoria tradicional de risco, mas sim com a possibilidade de intervir sobre o trabalho, do trabalhador poder ser sujeito e ter seu limite subjetivo respeitado. Não se descarta a importância que os riscos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos têm neste processo, mas leva-se em conta toda a lógica que está em torno destes riscos. (COUTINHO, BERNARDO, SATO, 2017; LACAZ, 2007)

Esta abordagem é preconizada no SUS através dos CEREST's (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador), onde equipes multiprofissionais colocam a técnica à serviço dos trabalhadores (mesmo aqueles sem registro em carteira), fazendo uso de uma abordagem clínico-epidemiológica que permite planejamentos de prevenção e promoção à saúde dos trabalhadores, “objetivando conhecer os determinantes da saúde na sociedade, com a participação dos trabalhadores organizados, na defesa de sua saúde, ao produzir um conhecimento mais integrado da realidade” (SATO; LACAZ; BERNARDO, 2006, p. 283)

---

<sup>1</sup> O Conselho Federal de Psicologia (CFP) disponibiliza um material com as referências técnicas para a atuação da(o) Psicóloga(o) em Saúde do Trabalhador, no âmbito da saúde pública: <https://site.cfp.org.br/publicacao/saude-do-trabalhador-no-ambito-da-saude-publica-referencias-para-atuacao-dao-psicologia/>

Pintor e Garbin (2019), discorrendo sobre intervenções realizadas pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do município de São Bernardo do Campo/ SP, no período de 2009 a 2016, contam que o serviço de saúde, na condição de autoridade sanitária, é desafiado a observar aspectos psicossociais do trabalho, o que inclui a utilização de um roteiro que englobe aspectos da organização do trabalho em suas ações de vigilância. As autoras relatam a importância deste olhar abrangente para o fenômeno do trabalho quando se trata de intervir nas situações de violência no ambiente laboral, e destacam que as notificações, que têm caráter compulsório no âmbito da saúde, são primordiais para que se reconheça a violência e se articulem políticas de saúde visando o seu combate e prevenção.

Edith Seligmann-Silva et al. (2010), por sua vez, apontando o trabalho como um mediador de integração social, afirmam que as características do trabalho contemporâneo trazem a iminência do desemprego, e concordando com Chalfin, Krawulski e Soares (2007), apontam que este cenário gera insegurança e competição entre os trabalhadores, mesmo para aqueles em situação aparentemente privilegiada. Assim, fadiga, estresse, embotamento afetivo, entre outros transtornos, são cada vez mais comuns, podendo estar relacionados à dominação, alienação e exposição à violência nos ambientes de trabalho.

Diante de tal configuração, a saúde mental no trabalho vem sendo cada vez mais investigada. Entre as correntes de pensamento que estudam o tema, há uma que se fundamenta no materialismo histórico e dialético, a teoria do desgaste mental, uma concepção vinculada ao consumo das energias vitais do trabalhador pelos processos de trabalho aos quais ele é submetido. Nas palavras de Edith, podemos dizer que:

Nas interseções entre processo de trabalho e processo saúde-doença, determinações de ordem sociopolítica e econômica passam a atuar. Nas situações de trabalho dominado, a desvantagem que faz com que o corpo e os potenciais psíquicos do trabalhador sejam consumidos pelo processo de trabalho e por constrangimentos a ele vinculados se configura como *desgaste*. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 136)

Os problemas psicológicos que o trabalho pode causar foram mais estudados e devidamente reconhecidos a partir de 1980, ganhando a designação Saúde Mental e Trabalho, como uma subárea da Saúde do Trabalhador, mas infelizmente, esses problemas ainda persistem, e Leny Sato e Marcia Hespanhol Bernardo (2005) buscaram pensar sobre o que colabora com essa persistência. A pesquisa das autoras demonstra que os trabalhadores são capazes de reconhecer as mazelas de seus empregos, mas o medo do desemprego os assola de tal forma que o que acontece é uma submissão consciente às condições ruins de trabalho, o que gera um grande sofrimento psíquico.

As autoras dizem que o medo do desemprego faz com que os trabalhadores também não se organizem para reivindicar seus direitos, ou ainda, que se sintam pessoas privilegiadas por terem um emprego, e isso é o que chamam de controle simbólico do desemprego crescente, algo que está

presente em diversos setores, principalmente quando os trabalhadores são terceirizados e carecem de um sindicato organizado que os proteja. As queixas envolvem, muitas vezes, a impossibilidade de suprir a demanda exigida e o fato de não poderem ao menos ir ao banheiro durante o horário de trabalho.

Todo esse sofrimento que pode advir da organização do trabalho frequentemente não é reconhecido como tendo esta relação direta com o ambiente laboral. Sato e Bernardo (2005) já alertavam para o fato de que há uma visão hegemônica de que a gênese dos adoecimentos mentais é de ordem intra-individual, e que por isso, não devem ser notificados como problemas diretamente relacionados ao trabalho enquanto instituição. Esta visão que culpabiliza os indivíduos foi registrada também por Renata Paparelli, Leny Sato e Fábio de Oliveira (2011) ao relatarem a história de um homem que começou a fazer uso diário de álcool durante sua jornada de trabalho, segundo ele, para conseguir dar conta de um alto ritmo de produção e também para lidar com o medo que sentia por ter que operar uma máquina que não possuía dispositivos de segurança. O consumo do álcool era conhecido pelo supervisor, que inclusive estimulava o uso quando percebia que o ritmo de produção havia caído, entretanto, mesmo com esta descrição dos fatos, o nexos causal entre o trabalho e o alcoolismo não foi reconhecido por todos que ouviam esse trabalhador.

A história desse homem se torna ainda mais complexa quando, em um certo dia, uma outra trabalhadora passou perto da máquina, sofreu um escalpo e o trabalhador foi tido como o “causador” do acidente, sendo demitido por esse ocorrido e pelo consumo de álcool no trabalho. Ainda que a relação entre o trabalho e o alcoolismo pareça evidente, os autores contam que uma profissional de um serviço especializado no tratamento de usuários de álcool e outras drogas reafirmou o discurso mais corrente e culpabilizante, apontando que inconscientemente o trabalhador havia escolhido uma atividade profissional que o levaria ao consumo de álcool, visto que ele já teria uma predisposição individual ao alcoolismo.

A ideia de que acidentes, patologias e o sofrimento mental são problemas apenas do indivíduo também apareceu em uma pesquisa de Bruna Antunes, Mary Carlotto e Marlene Strey (2012) sobre o assédio moral sofrido por mulheres no trabalho. O estudo mostrou que as mulheres que sofreram assédio usualmente reduziam o fenômeno a uma questão da esfera individual ou interpessoal, às vezes, até cogitando a ideia de que seus agressores possuíam alguma patologia para agir de tal forma. Para as autoras, esta visão precisa ser superada, pois há algo nos sistemas organizacionais que autoriza esse tipo de ação e que precisa ser observado.

O estudo diz ainda que muitas dessas mulheres demoraram para perceber que o que estavam vivendo se tratava de assédio, isso por que, entre outras razões, o assédio moral pode começar com atitudes insidiosas, mas também porque a pouca atenção que as empresas e a sociedade como um todo dão ao assunto levam as próprias vítimas a naturalizarem esses atos. Nesses contextos, as

características que já são alvo de preconceito na sociedade, tais como ser negro, nordestino, homossexual etc., podem ser usadas como forma de discriminar o trabalhador.

Diante de tantas desigualdades e problemas que podem aparecer no âmbito do trabalho, diversos campos do saber têm se debruçado sobre a saúde mental do trabalhador, entre eles, a antropologia, a biologia, a sociologia, a psicologia, entre outros, em um esforço de abrir debates teórico-metodológicos, mas também de pensar em medidas práticas que possam levar em conta as relações de trabalho tal como elas se dão no Brasil, e então intervir na realidade. (SATO; BERNARDO, 2005).

Reunindo as abordagens acima mencionadas e sendo uma vertente crítica, a Psicologia Social do Trabalho (PST) emerge para pensar a adaptação do trabalho ao trabalhador, o que representa uma mudança no compromisso ético-político da Psicologia, que agora passava a se colocar ao lado dos interesses do trabalhador, mas que antes se colocava no âmbito do trabalho mais atrelada aos interesses do capital, fornecendo aparatos diversos para o aumento da produção. (SPINK, 1996)

A PST surge em um contexto histórico, político, econômico e social em que era necessária uma redemocratização. Com o fim do regime militar, em 1985, a mobilização social pressionou a formulação de propostas que foram fundamentais para a promulgação da nova Constituição Federal em 1988, entretanto, ainda que houvesse um novo marco constitucional, ainda era difícil restituir a democracia após mais de vinte anos de ditadura militar, ainda faltava uma transformação da realidade e, nesse cenário, com uma crescente insatisfação popular em relação à saúde, educação, trabalho, e outros âmbitos, a Psicologia Social do Trabalho foi possibilitada e exigida. (ESTEVES; BERNARDO; SATO, 2017)

A reorganização do movimento sindical, naquele momento, demandava um olhar da PST, que acabou produzindo suas primeiras pesquisas e ações profissionais voltando-se ao trabalho regulado que acontecia nas fábricas. Entretanto, atualmente, tem se dedicado também a outras formas de trabalho, sem perder suas raízes que se fortaleceram a partir dos trabalhadores que reivindicavam o direito ao trabalho digno, à cidadania e à saúde. Dadas estas características, a Psicologia Social do Trabalho se aproximou muito do campo da Saúde do Trabalhador e da Economia Solidária, tanto pela participação no movimento social e sindical quanto pela atuação nos serviços públicos ligados a ambas as áreas. (ESTEVES; BERNARDO; SATO, 2017)

### **1.3 O entrelaçamento de gênero, raça e trabalho**

Raça e gênero são categorias sociológicas que nos ajudam a compreender a vida social e suas desigualdades, e são relevantes para falar sobre a experiência de trabalho das participantes desta pesquisa, já que ambas são mulheres, Magorie se autodeclara preta, e Edna se autodeclara parda<sup>2</sup>.

Lélia Gonzalez (1983)<sup>3</sup>, autora brasileira tardiamente reconhecida como uma sumidade no tema, discorrendo sobre como o racismo opera de forma velada no Brasil, diz:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida, como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 1983, p. 226)

Os dizeres da autora reencenam o mito da democracia racial, um mito que nega a desigualdade e enfraquece o seu combate, afinal, não se pode combater algo que não existe, entretanto, a desigualdade pode ser mostrada inclusive pelos números. Uma pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e a Fundação João Pinheiro (FJP), mostra que apenas em 2010 a população negra brasileira atingiu o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que a população branca apresentava já em 2000, sendo que o índice é medido a partir de três dimensões: longevidade, educação e renda.

Além disso, as desigualdades historicamente construídas se expressam claramente no mercado de trabalho. A pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça”, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgada em 2019, revela que somente 29,9% dos cargos gerenciais são ocupados por pessoas pretas ou pardas, ou seja, os cargos com salários mais altos são ocupados em sua grande maioria por pessoas brancas.

Em 2018, o rendimento médio mensal das pessoas ocupadas brancas (2.796 reais) foi 73,9% superior ao das pretas ou pardas (1.608 reais). O levantamento mostra que os pretos ou pardos representavam 75,2% da camada mais pobre do país (formada pelos 10% com menos rendimentos), enquanto dentre os 10% mais ricos, pretos e pardos eram apenas 27,7%. Ou seja, a população negra tem um rendimento consideravelmente menor que a população branca.

O IBGE também mostra que, em 2018, a diferença entre a taxa de desocupação da população preta ou parda em relação à população branca atingiu seu maior patamar. 9,5% da população branca estava desocupada, enquanto 14,1% da população preta ou parda estava nessa condição. O quadro de

---

<sup>2</sup> Há um debate sobre a utilização dos termos “preto”, “pardo” e “negro” em pesquisas acadêmicas e no convívio social. Para saber mais: <https://www.geledes.org.br/entenda-as-diferencas-entre-preto-pardo-e-negro/>

<sup>3</sup> Reverenciada inclusive na recente visita de Angela Davis ao Brasil. Para saber mais: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>

desigualdade é dramático até mesmo quando a graduação no ensino superior é considerada: os brancos com nível superior completo ganhavam por hora 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução. Além disso, a precarização do trabalho também se dá de forma desigual: enquanto 34,6% dos trabalhadores brancos estavam em empregos informais, o percentual sobe para 47,3% entre pretos e pardos.

Além do racismo, o machismo também se expressa no mercado de trabalho. Hirata (2002) aponta que a globalização afetou o trabalho masculino e feminino de forma desigual nos anos 1990. Houve um aumento considerável no número de mulheres em empregos remunerados ao redor do mundo, entretanto, esta “inserção” se deu em trabalhos precários, vulneráveis, com menores salários e condições de trabalho inferiores às dos homens, além de que não houve uma divisão do trabalho doméstico, que continuou sendo responsabilidade apenas das mulheres, ainda que estas estivessem agora se dedicando ao trabalho assalariado fora de suas casas.

Elisabeth Souza Lobo (1989), grande militante e estudiosa das relações de trabalho e gênero, em um de seus trabalhos documentados fala sobre a experiência de três operárias de uma indústria de autopeças. Essas mulheres relatam vários deslocamentos, mas sem uma possibilidade de “fazer carreira”, os saberes acumulados com a prática nunca puderam ser formalizados e as funções realizadas no cotidiano de trabalho não correspondiam àquelas registradas em carteira.

As três falam sobre a divisão sexual do trabalho, e contam que o trabalho de montagem, que é mais manual, e segundo elas, monótono, era realizado apenas por mulheres, e era desvalorizado dentro da indústria. Outro ponto interessante é que as entrevistadas trabalhavam nas máquinas, e demonstravam orgulho disso, associavam à competência, o que para a autora, tem relação com o fato de as máquinas serem operadas não só por mulheres, mas por homens também.

A autora também conta que em suas pesquisas fica evidente a forma distinta como é vista a resistência das mulheres e dos homens a realizar determinadas tarefas. A recusa dos homens é vista como afirmação de poder, como se eles tivessem “conquistado” o direito de recusar atividades penosas, já a recusa das mulheres é vista como negligência, falta de interesse e irresponsabilidade. Além disso, as trabalhadoras trazem que a relação entre as mulheres no trabalho contém muito ciúmes, competição e “fofocas”, relatam que quando uma mulher trabalha melhor, é criticada por estar querendo “agradar” e que, por isso, preferem trabalhar em seções com mais homens, preferindo chefes homens também. A autora afirma que a superioridade masculina é vista como inevitável, enquanto a superioridade de uma mulher não é regra, e pode ser recusada.

Elisabeth Lobo ainda ressalta que nas três narrativas aparece a ideia de “destino”, do casamento, do trabalho doméstico e do trabalho assalariado como ciclos da natureza, sob os quais não se pode muito interferir, inclusive, nos relatos é sempre colocado que o trabalho doméstico não é dividido com os homens que moram na casa, ele pode ser dividido apenas com outras mulheres da

família. Por outro lado, ainda que falem muito em destino, uma das trabalhadoras traz em sua fala que o trabalho, para ela, tem também um sentido de resistência ao aniquilamento, diz que a mulher que trabalha está “vendo o que se passa” (p.179).

Ainda estudando mulheres e trabalho, Maria Fernanda Diogo e Kátia Maheirie (2008) pesquisaram sobre os sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação ouvindo mulheres que realizavam esse trabalho em uma empresa prestadora de serviços. Ainda que não fosse esse o objetivo principal da pesquisa, acabaram se deparando com a importância que essas mulheres entrevistadas davam ao serviço doméstico não-remunerado que realizavam cotidianamente em suas casas. Ao trabalho que realizam na empresa, a maioria delas atribui adjetivos como “cansativo” e “mal remunerado”, e reconhecem ser um trabalho desvalorizado socialmente. Quando perguntadas sobre o que as fez entrar no ramo, elas dizem que foi por terem baixa escolaridade e terem necessidade de trabalhar para se manterem.

Da mesma forma, o trabalho doméstico também apareceu como algo cansativo, e as mulheres destacam como é fadigoso terem dupla jornada, uma vez que após um cansativo dia de trabalho elas ainda são as protagonistas na realização do serviço doméstico. Na maioria dos casos, as filhas aparecem como ajudantes, enquanto os filhos e o marido nem são mencionados, havendo assim uma reprodução social da desigualdade de gênero. Essas mulheres, assim como as entrevistadas por Elisabeth Lobo (1989), falam desse fardo do trabalho doméstico como uma fatalidade, algo do que não se pode fugir pelo fato de serem mulheres. Isolamento e invisibilidade também foram adjetivos atribuídos ao trabalho doméstico, mas também frisaram se sentirem “heroínas” por darem conta de tamanha carga. As autoras defendem que por trás desse “heroísmo” há uma cultura de naturalização da submissão feminina ao masculino, que em troca oferece às mulheres o título heroico por se sacrificarem em nome da família.

As mães contam que desde cedo ensinam suas filhas a realizarem o serviço doméstico, e as elogiam quando o fazem. O que nem sempre é percebido é que, ao ensinar as filhas como devem lavar a louça ou varrer a casa, então transmitindo um conhecimento prático, mas também, ideológico, e sobre isso, as autoras afirmam:

Os sentidos produzidos pelos sujeitos por vezes reafirmam os significados compartilhados e, por outras, produzem novos e diferentes sentidos. Assim, toda criança ao nascer encontra um universo sócio-cultural constituído, um mundo significativo e comunicável, singularizando-se fundada na arena das relações sociais, ou seja, nas arenas de um campo semântico. (DIOGO; MAHEIRIE, 2008, p.260)

É possível pensar, ainda de acordo com Diogo e Maheirie (2008), que o trabalho de limpeza e conservação não é valorizado pelas semelhanças que guarda com o trabalho doméstico e também por não gerar mercadoria e renda, entretanto, o que não se reconhece é que a força de trabalho

daqueles que exercem o trabalho produtivo só se faz possível devido ao consumo que fazem do trabalho reprodutivo (doméstico). Antunes (2009) é outro autor que também menciona o fato de o trabalho doméstico estar diretamente ligado ao capital, uma vez que é o trabalho doméstico que viabiliza as condições necessárias para a reprodução da força de trabalho das pessoas que compõem uma família.

Segundo o IBGE, as mulheres recebem valores menores (R\$ 13) que seus pares masculinos (R\$ 14,20) por hora trabalhada, e de um total de 93 milhões de ocupados, apenas 43,8% (40,8 milhões) são mulheres, enquanto 56,2% (52,1 milhões) são homens. O fato de as mulheres serem as principais responsáveis por afazeres domésticos pode explicar, em parte, porque elas estão menos inseridas no mercado de trabalho, e pode explicar também o fato de o número de mulheres ocupadas em trabalhos por tempo parcial, de até 30 horas semanais, ser o dobro do de homens (28,2% das mulheres ocupadas, contra 14,1% dos homens).

Sobre a condição de mulheres negras especificamente, ainda segundo o IBGE, em 2018, mulheres negras receberam, em média, menos da metade dos salários dos homens brancos (44,4%), e nem mesmo o acesso à graduação garante igualdade salarial, pois de acordo com a pesquisa “O Desafio da Inclusão”, do Instituto Locomotiva, divulgada em 2017, o salário de uma mulher negra com o ensino superior concluído é, em média, R\$ 2,9 mil, o de mulher branca é R\$ 3,8 mil; o de um homem negro, R\$ 4,8 mil; e o de um homem branco, R\$ 6,7 mil.

Trazendo uma visão histórica sobre a inserção de mulheres brancas e negras no mercado de trabalho, Angela Davis (2016) aponta que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não eram vistas e tratadas como “donas de casa” ou como “sexo frágil”, seu lugar era totalmente diferente do lugar das mulheres brancas. As escravas trabalhavam nas minas de carvão, nas fundições de ferro, cortavam lenha e abriam valas, e inclusive em grandes construções como o canal Santee, na Carolina do Norte, as escravas corresponderam a 50% da força de trabalho. Falando ainda sobre esta desigualdade, Davis conta que nos Estados Unidos, a industrialização roubou de muitas mulheres brancas a experiência de realizar o trabalho produtivo com suas máquinas de fiar, e a ideologia da feminilidade foi se popularizando como um subproduto da industrialização, disseminando em revistas femininas e romances a ideia de que as mulheres brancas não faziam parte da esfera produtiva, mas isso não se deu da mesma forma para as mulheres negras. A autora afirma que:

A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. (DAVIS, 2016, p.25)

Assim, podemos ver que o racismo e o machismo atuam fortemente no mercado de trabalho. Cida Bento (2002) afirma que o ambiente de trabalho é muito propício para práticas discriminatórias devido às relações hierárquicas ali existentes, e as decisões tomadas nesse setor influenciam profundamente na inserção social de mulheres e negros, e ainda mais de mulheres negras, quando as duas variáveis se interceptam. Até os dias de hoje, os mais altos cargos nas empresas são ocupados por homens brancos, realidade que ainda guarda traços das relações escravocratas, em que os senhores, homens brancos, tinham mulheres e homens negros como propriedade, sendo as mulheres exploradas em sua força de trabalho e também sexualmente.

Helena Hirata (2014), afirmando que as relações de poder têm uma interdependência e que a raça, o gênero e a classe de alguém são múltiplas fontes de identidade, traz alguns dados de uma pesquisa comparativa entre Brasil, França e Japão, na qual destaca que, nas profissões de cuidado com o outro, os provedores do cuidado frequentemente são representados por pobres, imigrantes e mulheres, enquanto os beneficiários costumam ser aqueles que possuem recursos, em sua maioria, homens brancos.

A autora relembra que as teorias feministas apontam para uma desvalorização desses trabalhos de cuidado, devido à desvalorização histórica de todas as funções costumeiramente atribuídas às mulheres no âmbito doméstico. Em sua pesquisa comparativa, a autora confirma que há uma divisão racial, sexual e social desse tipo de trabalho, sendo que mulheres sempre aparecem em maior número (na França representam quase 90% dos profissionais, no Japão, quase 65%, e no Brasil, 95%). Um dado relevante obtido na pesquisa em solo brasileiro é que metade das cuidadoras entrevistadas nasceram fora de São Paulo, estado onde a pesquisa se deu com funcionárias de ILPI's (Instituição de Longa Permanência para Idosos), ou seja, observamos um alto índice de imigração interna entre as profissionais da categoria, e nos três países observou-se como a função desses trabalhadores é desvalorizada, como os salários são baixos e como há pouco reconhecimento social.

Assim, partindo destes estudos, pensando sobre as vulnerabilidades sociais e sobre como elas podem se expressar na vida das trabalhadoras, o presente trabalho pretende compreender as repercussões psicossociais do trabalho vivenciadas pelas trabalhadoras responsáveis pela limpeza da PUC-SP. Especificamente, quais significados e sentidos elas atribuem ao trabalho em suas vidas, como experienciam o cotidiano e as desigualdades estruturais, e a centralidade do gênero nessa experiência de trabalho.

## 2 MÉTODO

### 2.1 A Psicologia Social do Trabalho e os estudos sobre Memória Social

Este estudo foi proposto na perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Social do Trabalho (PST) e dos estudos psicossociais sobre Memória Social.

Além do que já foi pontuado no capítulo anterior a respeito da PST, é importante dizer que a Psicologia Social do Trabalho busca “privilegiar as situações concretas em que o trabalho acontece, lócus de articulação entre os contextos macrossociais e os processos de subjetivação vividos pelos trabalhadores em suas diferentes experiências no trabalho” (p. 81), e como uma forma de compreender as situações reais e suas peculiaridades, houve a busca por categorias teóricas que foram construídas em diálogo constante com os trabalhadores. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017)

Na PST há uma articulação entre a empiria e a teoria, os conceitos são utilizados como ferramentas e não como verdades absolutas a serem empregadas em qualquer situação, eles são utilizados na medida em que facilitem a aproximação das experiências vividas, o que quer dizer que as categorias são provisórias e devem ser repensadas a cada nova pesquisa ou intervenção. As categorias que aparecem de modo mais recorrente nos estudos no campo da PST são: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017)

Além da PST, temos também como pano de fundo os estudos psicossociais sobre Memória Social. Ecléa Bosi (1993), em seus escritos, defende que a memória social é um objeto “constituído de substrato móvel e fluido, o tempo” (p. 279), um tempo que se qualifica nas lembranças. A memória é um trabalho sobre o tempo vivido, tempo marcado pela cultura e pelo próprio indivíduo, sendo que cada classe e cada pessoa o vive de formas diferentes. Ecléa frisa ainda que o grupo com o qual se convive pode exercer uma função de testemunha ou intérprete das experiências, e assim, “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo onde a pessoa vive” (p. 281). Além dessas observações, também é de extrema importância para a presente pesquisa a pontuação feita pela autora sobre o quanto o trabalho se faz presente nessas lembranças e se liga à produção material que opera no interior da matéria recordada.

Ecléa (2003) também nos lembra que “recontar é sempre um ato de criação”, isto é, o sujeito entrevistado realiza uma ordenação pessoal que obedece a sua lógica afetiva, há uma intenção na narrativa que pode ser vista como um todo, antes de ser segmentada pelo pesquisador. Dentro desse todo, cabem inclusive os silêncios do depoente, silêncios os quais não se deve ter pressa em preencher. Apostamos na memória não apenas como restauradora, mas como geradora de futuro, pois a partir do momento em que o sujeito se ouve, monta sua narrativa, uma leitura crítica pode ser feita e novas possibilidades se inauguram.

Peter Spink (2003), falando sobre os estudos em Psicologia Social, aponta que nesta perspectiva teórico-metodológica, a pesquisa de campo não toma o “campo” como o “habitat natural” onde se faz a interação e observação de pessoas, o campo abrange não apenas um lugar específico, mas a situação atual de um assunto, sendo que toda aproximação que é feita desse assunto é uma aproximação do campo, o qual chamaremos de *campo-tema*. Mas, apesar de estarmos no campo a partir do momento em que nos vinculamos ao tema, buscamos estar mais perto psicossocial e territorialmente das partes e lugares onde o tema ganha certa densidade, então, foi para atender a esse objetivo que pensamos nos encontros com as trabalhadoras, encontros em que aconteceram entrevistas prolongadas e semiabertas que permitiram a liberdade da depoente para contar suas narrativas, mas possibilitaram também o uso de perguntas pré-elaboradas que atendiam aos objetivos específicos da pesquisa.

## **2.2 Percurso da pesquisa: procedimentos e demais escolhas de método**

A seguir descreveremos as etapas propostas para este estudo:

1. Revisão Bibliográfica, de início e de modo transversal, sobre o campo social e conceitual da pesquisa, recorrendo especificamente a leituras e investigações históricas, sociológicas e psicossociais sobre a centralidade do trabalho na vida das pessoas, as repercussões psicossociais do trabalho e a condição da mulher trabalhadora no Brasil contemporâneo, especialmente em contextos urbanos.
2. Definição dos critérios para a escolha das participantes da pesquisa: ter 18 anos ou mais; estar trabalhando na PUC-SP há pelo menos seis (06) meses e; a relação de confiança e interesse estabelecida entre participante e pesquisadora.
3. Escolha dos instrumentos: utilizamos como instrumentos duas entrevistas prolongadas e semiabertas, uma com cada trabalhadora participante.
4. Submissão do projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aprovado em 26 de novembro de 2019 (vide Anexo A).
5. Prospeção do campo, em três etapas:

a) realização de contatos com trabalhadores para viabilizar a realização da pesquisa. Destacamos, especialmente, Ronaldo Martins, um trabalhador da PUC-SP que expressa engajamento em discussões acerca das desigualdades no mundo do trabalho e que mediou nosso contato com as trabalhadoras. Também foi de suma importância o contato realizado com a supervisora das auxiliares de limpeza, Eliane Souza, ligada à empresa terceirizada, que prontamente autorizou a realização das entrevistas;

b) definição das trabalhadoras a serem entrevistadas. Recebemos a indicação de quatro trabalhadoras que souberam da pesquisa, inicialmente, por intermédio de Ronaldo. O contato direto entre a pesquisadora e as trabalhadoras ocorreu entre novembro de 2019 e março de 2020, sendo que foram realizadas conversas informais, tanto pessoalmente quanto por mensagens, a fim de verificar quais delas atendiam aos critérios acima descritos, e quais tinham também maior disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Assim, as participantes foram duas auxiliares de limpeza da Pontifícia Universidade Católica-PUCSP: Magorie, 29 anos, e Edna, 35 anos;

c) assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (vide Apêndice A) e acordo sobre os termos da pesquisa com as trabalhadoras, especialmente quanto aos cuidados éticos a serem tomados em todo o seu desenvolvimento, em consonância com a legislação vigente.

6. Realização das entrevistas, de acordo com um roteiro amplo (vide Apêndice B), previamente elaborado com base nos objetivos da pesquisa e em consonância com a revisão bibliográfica. A entrevista de Magorie aconteceu na PUC-SP, seu local de trabalho, em uma sala de aula, e teve duração aproximada de trinta minutos, enquanto a entrevista de Edna ocorreu em um parque próximo à universidade, e durou cerca de uma hora. A diferença no tempo de duração das entrevistas se deu pelas exigências do campo, atendendo à disponibilidade que cada trabalhadora possuía. Após esta etapa, foram feitos ainda alguns contatos por mensagens para checar entendimentos acerca das informações compartilhadas nas entrevistas, que foram gravadas, transcritas, revistas e encaminhadas para revisão das trabalhadoras.

### 3 AS EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO E A VIDA SOCIAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar as entrevistas realizadas com as trabalhadoras, destacando o modo pelo qual a experiência do trabalho se expressa na vida delas e como se relaciona com outros aspectos da vida social. Na fala de Magorie, se destacam menções à maternidade, ao racismo e ao respeito como um valor importante. Na fala de Edna, a emancipação feminina, a desvalorização social do trabalho, a impossibilidade de estudar, o cotidiano e a subordinação foram os pontos proeminentes.

#### 3.1 Magorie

Magorie nasceu no Haiti, mas desde 2015 mora em São Paulo, no bairro da Moóca. Tendo 29 anos, é casada e teve dois filhos: uma filha de 8 anos que mora no Haiti e um filho que, na data da nossa entrevista (03/02/2020), tinha 1 ano e 3 meses, morava com ela e o marido, entretanto, veio a falecer em março<sup>4</sup>.

Magorie diz que veio para o Brasil por ser um país melhor para se morar e trabalhar, e que sua adaptação não foi difícil, até porque outros familiares seus também moram aqui, e isso teria ajudado no processo.

Poderíamos dizer que sua vida de trabalho se iniciou ainda em seu país de origem, onde ela afirma ter vendido roupas. Entretanto, Magorie considera que seu primeiro trabalho foi aqui no Brasil, em 2015, quando ela foi contratada pela empresa terceirizada que presta serviços para a PUC-SP. Ela então teve seu primeiro registro em carteira. Seu marido trabalha arrumando telefones, e Magorie conta que ele fez um curso para realizar tal atividade. Frisa que ele possui um diploma e que “não trabalha para ninguém”, se referindo ao trabalho autônomo que o marido exerce.

Nosso primeiro contato foi feito por mensagens, em uma conversa muito breve que não me permitiu perceber o quanto ela estaria interessada em participar da pesquisa, mas não demorou para que eu a encontrasse pelos corredores da PUC, ao lado da entrada de um banheiro feminino, junto a utensílios de limpeza que ela usaria para limpá-lo. Foi então que ela, de maneira serena e com um notável sotaque do seu país de origem, me respondeu que poderia sim participar, mas que a entrevista teria que acontecer em seu horário de trabalho, pois não teria como sair de casa mais cedo ou me encontrar em um dia de folga, explicando que tinha que cuidar do filho e da casa.

A entrevista então ocorreu em uma sala de aula da PUC-SP, durante o período de férias dos alunos. Foi uma entrevista breve, dentro do tempo combinado com a supervisora de Magorie. O pouco

---

<sup>4</sup> A causa do óbito, segundo Magorie, não foi descoberta pelos médicos.

tempo disponível e o fato da trabalhadora falar o português ainda com bastante sotaque foram desafios para a realização da entrevista, em alguns momentos precisei que ela repetisse algumas frases para que eu pudesse compreendê-las, mas Magorie as repetia sem demonstrar incômodo.

Suas respostas, principalmente no começo da entrevista, eram compostas de frases curtas, talvez por timidez e pela questão do idioma já apontada, mas, mesmo com tantos desafios, nos diversos encontros informais que tivemos pela universidade, como também no dia da entrevista, Magorie sempre foi muito afetuosa, me desejava “bênçãos e felicidades”, e quando eu a agradei pela entrevista que me concedeu, ela disse: *“Não tem de que, todo mundo me ajuda, então eu ajudo as pessoas também”*. E foi assim, com tamanha generosidade, que Magorie contou importantes pontos de sua experiência como mulher trabalhadora.

### 3.1.1 *O trabalho e o respeito*

Em diversos momentos da entrevista, Magorie fala sobre respeito e trabalho, sendo que o respeito parece ter uma dupla acepção, relaciona-se com inserção social e também com uma identidade social ligadas ao trabalho: *“Depois que você trabalha, todo mundo te respeita e dá valor. As pessoas dão mais valor quando você trabalha”*. E no cotidiano de sua prática laboral, o respeito é levado a uma relação dialética: *“Não brigam comigo, me respeitam, todo mundo me dá valor, eu também dou valor a todo mundo”*.

Ainda que fiquem implícitos os limites de participação impostos pela desigualdade estrutural de classe, parece ser por meio do estabelecimento do respeito, nesta acepção, que Magorie mantém o controle possível de sua condição de trabalhadora:

*Eu gosto de todo mundo e todo mundo gosta de mim. Tenho amizade com todo mundo, você fala “boa tarde” eu respondo. Os alunos entram no banheiro, eu estou passando pano, mas eu digo “tudo bem”, eu não brigo, digo para ficarem à vontade que eu passo o pano de novo, eu tenho paciência com todo mundo. Eu acho isso.*

Esta fala da Magorie pode ser relacionada com o que diz Leny Sato (2002) ao apontar que, no cotidiano, “[...] os trabalhadores constroem ‘ações adaptativas’ as quais têm por finalidade adequar os contextos de trabalho, no limite do possível, às características pessoais e aos limites subjetivos” (p. 1148). Isto é, os trabalhadores, de maneira individual ou coletiva, buscam constantemente uma melhor sintonia entre eles e seus contextos de trabalho. Magorie, ainda que saiba que não é possível impedir a entrada de pessoas no banheiro enquanto ela realiza seu trabalho, se faz presente no espaço

cumprimentando-as e dizendo para ficarem à vontade, como se “autorizasse” a entrada e a circulação em seu lugar de trabalho.

### 3.1.2 A mãe trabalhadora: “Você quer que seus filhos estudem”

Além de estar relacionado a mais respeito e valorização por parte do outro, Magorie demonstrou que a importância do trabalho em sua vida também está muito ligada ao sustento de seus filhos e aos projetos que, naquele momento, tinha para os dois. Magorie envia dinheiro para a filha no Haiti mensalmente, e diz que não irá tardar para que a menina venha morar no Brasil. Ela também demonstra preocupação e cautela com um possível desemprego futuro: “*Não podemos deixar o filho longe. [...] Eu trabalho para trazer minha filha do Haiti, depois vou trabalhar mais para guardar um pouco de dinheiro para estar preparada quando me mandarem embora, eu não tenho coragem de pedir as contas*”.

Magorie diz que precisa trabalhar pelo bem dos filhos, e conta sobre seu desejo de que seus filhos tenham outras possibilidades de trabalho, diferentes das que ela teve:

*Se você ficar em casa para cuidar dos filhos, eles vão querer roupa, tudo... Como você vai fazer? E você não quer que seus filhos trabalhem na limpeza, ninguém gosta, você quer que seus filhos estudem, quer pagar faculdade. E como vai ficar a casa se eu não trabalhar? Os filhos vão querer comida, eu não vou ter nada para dar para eles, vão roubar... Se eu trabalho é mais fácil para comprar as coisas para eles, para eles estudarem e me ajudarem depois.*

Por esta fala, já é possível inferir que a necessidade a levou a trabalhar onde teve oportunidade. E sobre isso, ela é enfática: “*Eu tenho que trabalhar, porque eu tenho duas crianças*”.

O que vemos na fala de Magorie é claramente como o fato de ter filhos interfere em sua relação com o trabalho, a maternidade está no centro de suas preocupações, ações e projetos como trabalhadora. Helena Hirata e John Humphrey (1992) defendem justamente que as relações familiares têm impactos nas atividades econômicas dos trabalhadores, especialmente para as mulheres, e que é impossível negar a relação existente entre as estruturas familiares e aquilo que acontece no domínio profissional. Vemos que o trabalho de Magorie parece assumir um sentido de benefício para família, é um instrumento para que a família progrida, e não tanto uma afirmação da individualidade.

Esboçando grande desejo de que seus filhos façam faculdade, Magorie conta que estudou apenas até o primeiro ano do ensino médio no Haiti. Demonstra desejo de concluir os estudos no Brasil, mas não vê como algo tão próximo, pois a maternidade lhe exige de outras formas: “*Eu vou*

*estudar de novo, mas depois que você tem filho é difícil, você precisa trabalhar para comprar as coisas para os filhos. Falta dois anos para eu terminar, eu não ligo para isso, porque o importante é que eu tenho saúde”.*

E Magorie, além de cuidar dos filhos, também afirma que é a principal responsável por realizar as tarefas domésticas como um todo, exigindo de si igual eficiência em seu trabalho produtivo e reprodutivo:

*Você não pode deixar a casa suja, né? Eu arrumo a casa, faço a marmita do meu marido, depois eu venho para cá, todo dia. Não posso deixar a casa suja, e se um dia eu passo mal? Aí o chefe vai me levar em casa e minha casa está suja, vão pensar que eu deixo tudo limpo e cheiroso aqui e a minha casa suja, então eu faço lá e aqui.*

A fala de Magorie, além de demonstrar como o controle exercido pelo olhar da chefia se estende até mesmo para dentro de sua casa, revela também alguns aspectos da sua relação com o trabalho doméstico. Sendo uma professora e filósofa feminista muito importante na atualidade, Silvia Federici<sup>5</sup> (2019) aponta que o trabalho fora do lar acaba por aumentar a exploração e o cansaço da mulher, e não raro, acontece em funções que se assemelham muito àquelas já desempenhadas no âmbito doméstico, dificultando que se enxergue onde começa e onde termina o trabalho feminino, que parece nunca ter fim.

### 3.1.3 O racismo: “Tem bastante brasileiro que não gosta de brasileiro preto”

Depois de falar mais especificamente sobre sua experiência como trabalhadora, Magorie, para falar sobre como se identifica em termos de raça/cor, contou uma breve história:

*Há dois meses atrás eu fui no mercado, e um homem, que não sei se estava doido, se estava bêbado, falou que não gostava de mim, eu não discuti com ele, mas não se pode falar isso. Ele não queria que eu encostasse nele, ele disse que não gostava de nenhum imigrante. Fazer o que, né? Eu gosto de todo mundo.*

---

<sup>5</sup> O livro “O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista”, de Silvia Federici, foi traduzido para o português pelo coletivo feminista Sycorax, e o prefácio escrito pela autora à edição brasileira foi dedicado à Marielle Franco. Para saber mais: <http://coletivosycorax.org/>

Perguntei se ela já havia passado por mais situações deste tipo enquanto imigrante, e ela, com muita lucidez, aponta que o que está em jogo não é apenas o fato de ser imigrante, mas a cor da sua pele: “[...] *Tem bastante brasileiro que não gosta de brasileiro preto*”<sup>6</sup>. E faz uma observação sobre a desigualdade que se escancara em seu local de trabalho, entre os alunos da PUC-SP: “*Está difícil para você achar um preto aqui, aqui está caro*”.

Grada Kilomba<sup>7</sup> (2019), psicanalista nascida em Portugal, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, é uma grande escritora e estudiosa de temas como raça, gênero e pós-colonialismo. Em um dos capítulos de seu livro “*Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*”, Grada conta a experiência de uma moça que vivia em um bairro onde negros e brancos não compartilhavam os mesmos espaços, negros moravam no leste e brancos no oeste do bairro.

Para a autora, essa distância corpórea, imposta por este tipo de situação, retrata as fantasias de contágio racial dos brancos que entendem a pele negra como o mau, o sujo, o inaceitável. A segregação demarca a área que os negros não podem transgredir para não contaminar o “território branco”, evitando que os brancos sejam tocados pelos pretos, ao mesmo tempo que impede que os pretos toquem nos privilégios brancos.

Tal reflexão da autora é impactante e nos remete ao episódio do mercado relatado por Magorie. Vemos então que o racismo tem grande impacto na subjetividade das pessoas, evidenciando que raça, classe e gênero agem de forma interseccional, se sobrepondo e vulnerabilizando ainda mais os sujeitos, o que exige dos estudos sociais um olhar atento a estes aspectos.

### 3.2 Edna

Edna é uma mulher de 35 anos, que nasceu em Pernambuco, mas que desde 2011 mora em São Paulo, na Brasilândia. Antes de se firmar no território paulista, chegou a vir algumas vezes, como ela diz, “*foram idas e vindas*”, até que veio para ficar.

Começou a trabalhar aos 16 anos, ainda no Nordeste. Lembra que seu primeiro trabalho foi cuidando de uma criança, que segundo ela, hoje deve ter uns vinte anos, mas também trabalhou limpando casas, trabalhou em uma sorveteria, em uma loja de roupas, entre outras experiências das

---

<sup>6</sup> Observamos que Magorie utiliza o termo “preto”, e não “negro”, como se costuma falar no Brasil. Atualmente, um debate tem sido levantado a fim de discutir as raízes históricas destas palavras e os sentidos que elas foram ganhando em diferentes tempos e espaços. Para saber mais: <https://mundonegro.inf.br/a-definicao-do-preto-ou-do-negro-no-brasil-e-maior-que-as-pessoas-imaginam/>

<sup>7</sup> Em 2019, a autora foi convidada para a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e seu livro “*Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*” repercutiu como livro mais vendido em todos os dias do evento. Para saber mais: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/07/14/grada-kilomba-e-autora-mais-vendida-da-flip-2019-veja-o-top-10.ghtml>

quais ela não se recorda tão bem, mas lembra que foram todas sem registro em carteira, apenas acordos “*de boca*”.

Seu primeiro registro foi em São Paulo, em 2011, quando começou a trabalhar em uma empresa limpando vidros. Edna conta que foi nesse trabalho que “se ergueu” e conseguiu sair da pensão onde morava, se mudando para a casa atual que aluga na Brasilândia. A trabalhadora afirma que depois de ter passado muito tempo procurando emprego, a única opção que teve foi trabalhar com limpeza, mas diz gostar do que faz.

Essa empresa onde Edna limpava vidros a mandou embora em 2015, e foi então que ela entrou na empresa terceirizada que atualmente presta serviços para a PUC-SP. Antes de trabalhar na PUC, Edna foi auxiliar de limpeza em uma outra faculdade particular na cidade de São Paulo, pela mesma empresa terceirizada, ficou lá por dois anos, e há cerca de um ano e meio foi transferida para a PUC-SP.

Edna conta que sua infância e adolescência não foram fáceis, afirma que as idas e vindas entre a casa da mãe, em Pernambuco, e do pai, em São Paulo, comprometeram sua vida escolar, e seu ingresso na primeira série se deu quando ela já tinha 10 anos. As inúmeras dificuldades pelas quais passou a fazem se orgulhar da pessoa que se tornou, em suas palavras: “*trabalhadeira e que pensa no próximo*”.

Edna é solteira, não tem filhos e mora sozinha. Já adulta, ainda teve que superar desafios e lidar com grandes dificuldades financeiras. Conta que seus vizinhos atuais constituem uma rede de apoio pela qual ela é muito grata, e que a deu suporte em momentos mais difíceis, com moradia e alimentação.

Meu primeiro contato com Edna foi por mensagens, assim como ocorreu com Magorie, e na ocasião, não chegamos a marcar uma conversa pessoalmente. Entretanto, alguns dias depois, nos encontramos por acaso em um banheiro da PUC. Ela estava trabalhando, e eu, sem querer atrapalhar, me apresentei novamente e notei seu jeito mais reservado. Ela então, de maneira séria e sem parar de limpar as pias, confirmou sua participação. Verifiquei se ela preferia que realizássemos a entrevista na PUC ou em outro lugar, Edna me respondeu que preferia a segunda opção.

Em uma das vezes em que encontrei Edna pelos corredores da PUC, ela me contou que estava entrando mais cedo no trabalho, estava “*pagando horas*” por ter ficado de folga nas vésperas de Natal e Ano Novo, e isso impedia que nos encontrássemos pela manhã, como pretendíamos fazer. Durante esse período em que Edna pagava horas, nos comunicamos algumas vezes e ela foi demonstrando cada vez mais cuidado e preocupação, pois sabia que tínhamos prazos da pesquisa para cumprir. Edna chegou a me perguntar se eu não queria encontrá-la por volta de oito horas da manhã, antes de ela entrar no trabalho, e em uma outra ocasião, me disse que iria pedir para ser liberada por um dia das

duas horas diárias que estava pagando, com o objetivo de ficar com a manhã livre para a entrevista. Seus gestos de interesse e cuidado saltavam cada vez mais diante dos obstáculos que se impunham.

Por fim, pudemos esperar a situação de Edna ficar mais confortável, e então nos encontramos no Parque da Água Branca, para uma entrevista que mais se pareceu com uma conversa, com uma leveza que se fez possível, entre outros motivos, pelos diversos contatos que tivemos nos últimos meses, por mensagens e também pessoalmente, pelos corredores da universidade.

Conversamos no parque por cerca de uma hora, e também subimos juntas para a PUC, ela para o trabalho, e eu para a aula, o que rendeu mais uns vinte minutos de uma conversa em que Edna contou sobre aspectos de sua vida pessoal que me permitiram conhecê-la melhor. Ela parecia estar se apresentando para mim mais uma vez, agora de um modo mais íntimo e profundo, e eu fiz o mesmo, compartilhando com ela um pouco sobre a minha história e a história das mulheres que me levaram a escolher o tema da minha pesquisa. Falamos sobre as nossas vidas, falamos sobre mulheres e trabalho.

### 3.2.1 Centralidade do trabalho e emancipação feminina: “O trabalho é vida, é tudo”

O trabalho sempre se fez presente na vida de Edna, desde quando ela ajudava sua mãe em Pernambuco:

*Minha mãe é nova, tem 54, mas assim, por ser do sítio, não morar em cidade, está bem acabada. [...] Ela nunca trabalhou registrado também. Trabalhava na época de emergência<sup>8</sup>, com a barrigona, pra dar comida pra gente. Então foi muita coisa, sabe? Ela trabalhava, e eu, muitas vezes, ia ajudar ela, pequena. A minha vida foi um círculo, como se fala, mas já venci, já passei por tudo isso.*

Hoje em dia, em um trabalho bastante distinto do trabalho que sua mãe realizava na roça, Edna enxerga diversos benefícios do trabalho em sua vida, aponta a possibilidade de adquirir bens materiais e de conseguir se manter sozinha, de ser independente:

---

<sup>8</sup> Edna afirma que este trabalho de sua mãe consistia em capinar o mato à beira de estradas, o que possivelmente se relaciona com as frentes de trabalho emergenciais, típicas das épocas de seca e desemprego. Para saber mais sobre estas frentes de trabalho: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792014000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000100014)

*Ah, traz muito benefício, eu posso comprar as minhas coisas, posso pagar as minhas contas. Não digo assim juntar, juntar muito não dá, mas dá pra pagar as minhas contas e viver minha vida. [...] É muito bom ser independente, ser trabalhadeira, é muito bom ter suas coisas, não depender de ninguém. É muito bom correr atrás do que a gente quer, é muito bom você correr atrás de tudo que você quer, e você consegue, se for uma pessoa direita, uma pessoa digna, responsável, Deus está do seu lado.*

*Pra mim o trabalho é vida, é tudo [...] Eu acho o trabalho muito importante na vida do ser humano, você vê que gente que não trabalha não tem nada, com trabalho você pode comprar o que você quiser, você pode viajar. E eu não gasto tudo, se eu ganhar cem, eu não vou gastar os cem, eu economizo, porque eu não sei o dia de amanhã, eu passei um ano desempregada... Se a Empresa<sup>9</sup> disser que vai me mandar embora, eu tenho que obedecer, eu tenho que ir, no meu outro serviço eu chorei que só pensando que eu não ia arrumar outro serviço, entendeu? Mas eu penso que pra gente que é trabalhadeira não falta serviço, você que é trabalhadeira você trabalha em qualquer coisa, é digno, você não pode pegar o que é dos outros, mas em termos de trabalho... Ah, minha filha, eu gosto de trabalhar, acho que trabalho é saúde, é tudo, pra mim é tudo.*

E se por um lado Edna diz que o trabalho traz saúde, ela também reconhece a outra faceta:

*Você sabe que do trabalho a gente adquire muitas coisas, né? Principalmente no trabalho de limpeza, eu mesma já estou ficando ruim do joelho. Então é muito esforço, é aquela coisa, o trabalho tanto dá [saúde] quanto tira. Mas a gente também não vive sem trabalho, você vê aí muitas senhorinhas que não conseguem ficar paradas, então trabalho também é saúde, essas duas partes.*

Edna demonstra o quão sofisticadas são as relações entre trabalho e saúde, reconhecendo seu cunho dialético. Sabendo destas implicações do trabalho na saúde dos trabalhadores, Sato, Lacaz e Bernardo (2006) apontam que a Psicologia pode contribuir no campo da Saúde do Trabalhador realizando atividades formativo-terapêuticas, fazendo avaliação dos processos de trabalho visando prevenção, contribuindo para a educação em saúde e formação de profissionais da área, como também

---

<sup>9</sup> Optamos por ocultar o nome da empresa terceirizada prestadora de serviços à PUC-SP

realizando avaliações neuropsíquicas em casos, por exemplo, em que trabalhadores se intoxicam no trabalho e tem comprometimentos desta ordem.

Além disso, o psicólogo pode compor as equipes multidisciplinares de vigilância, tendo um olhar atento aos fatores da organização do trabalho que podem prejudicar a saúde física e mental dos trabalhadores. Deverá também ser “sensível às formas particulares com que os trabalhadores veem os riscos do trabalho, aos modos como lidam com eles e como se organizam em cada micro-universo.” (p. 286)

Para Edna, trabalho e saúde estão sempre entrelaçados:

*Assim, o primeiro lugar eu dou mais ao trabalho, se eu não estiver bem, a minha casa pode ficar lá do jeito que está, teve um domingo que eu estava ruim da perna e eu não fiz nada em casa, então assim, primeiro vem minha saúde, depois vem meu trabalho, pra depois vir minha casa, vir minhas coisas. Por que eu falo isso? Porque é do trabalho que eu consigo comprar as coisas, então eu tenho que estar bem pro trabalho, então se eu estou vendo que eu estou ruim, teve um domingo que eu passei o dia todinho dormindo, assim, deitada, porque eu não podia fazer comida, não podia fazer nada, então, eu tomei remédio, fiz um cuscuz lá, comi e pronto. Então eu dou mais valor ao trabalho, é o trabalho que faz eu pagar minhas contas, como eu te falei, que faz eu crescer.*

### 3.2.2 A desvalorização social do trabalho: “Tem que passar confiança”

Falando sobre como poderiam ser melhoradas as condições de trabalho, Edna aponta para as relações humanas que permeiam o cotidiano:

*Ah, eu acho que tinha que colocar mais gente competente, mais gente que valorize o seu trabalho. Eu valorizo o meu trabalho, e estou na limpeza porque eu gosto, mas tem muitos que não estão felizes, e eu penso assim, se você não está feliz, procura fazer um curso, estudar, ter uma vida melhor. Você tem que estar bem ali, eu sou o tipo de pessoa que eu gosto de estar bem no lugar que eu estou, o serviço rende mais pra mim, mas se eu estiver em um lugar que eu não gosto, ou se estiver me prejudicando em alguma coisa, aí o serviço não sai. [...] Tanto a gente valorizar o nosso trabalho, como os chefes também, os chefes, as pessoas valorizarem o nosso trabalho, você sabe que tem poucas que*

*valorizam o nosso trabalho, e você sabe que esse trabalho da gente não é fácil, mas é o que Deus deu pra gente e o que a gente quer, porque se a gente não quiser, a gente procurava a melhoria, como eu te falava.*

Edna reconhece que o trabalho na limpeza é pouco valorizado pelas pessoas. Percebemos que esta desvalorização afeta o sujeito, como ele se vê e como lida com os outros. Edna fala de um “lugar” das auxiliares de limpeza e o diferencia do “lugar” dos demais profissionais da universidade e dos alunos:

*Você tem que ser um pouco mais fechada, eu não digo que você não pode fazer amizades, mas você não pode ser aquela... sabe? É um conhecimento meu mesmo, não tem nada a ver com ninguém, mas tem gente que conheceu hoje e parece que já mistura tudo. Não é falando que são melhores do que a gente, você entende, né? Mas assim, profissional, a gente tem que se manter no lugarzinho da gente.*

E conta do preconceito existente em torno da função que exerce:

*Tem coisa que por causa de um ou dois a gente acaba pagando, então existe um preconceito, sim. Às vezes quando eu ia pra um setor, quando a encarregada mandava eu ir pra um setor, não vou dizer onde era, eu ia pro setor e percebia que tinha gente que ficava só de olho em mim, aí quando pegava confiança, mudava o jeito pro meu lado, eu vejo muito isso. [...] Sempre tem um ali que fica vendo como que é, ainda mais pessoas que são responsáveis pelo setor, então eu até entendo também, tem que passar confiança, porque tem muitos que vai, pega as coisas que não é pra pegar, é aquelas coisas, eu sei, porque já faz 4 anos que eu trabalho nessa área.*

### 3.2.3 A (im)possibilidade de estudar: “Por enquanto não, não sonho”

Edna nos diz que gosta do que faz, mas também reconhece que não lhe foram dadas muitas possibilidades de escolha. Ela concluiu o ensino básico e não teve a oportunidade de cursar o ensino superior, e apesar de expressar certo desejo em fazê-lo, não lhe parece algo tão factível:

*Pra falar a verdade, eu pensava, mas aconteceram algumas coisas pessoais minhas, aí eu deixei pra lá e me “aposentei” na limpeza. Mas assim, por enquanto não, não sonho. Porque assim, eu gostava muito de estudar, mas agora eu não vejo mais graça, não tenho mais paciência, eu só terminei os estudos.*

Ao mesmo tempo em que diz que o “querer” leva as pessoas a alcançarem seus objetivos, ela reconhece que as dificuldades pelas quais passou ao longo da vida a distanciaram dos estudos:

*[...] Eu não quis mais fazer mais nada, não quis fazer um curso, não me foquei em nada, talvez um dia quem sabe eu... Porque assim, estudar é bom, mas você tem que ter tempo, tem que ter determinação, dedicação, entendeu? Eu penso assim, e eu sou eu pra tudo, então eu vejo muita dificuldade pra mim, certo que a gente também tem que querer as coisas, se a gente querer a gente consegue, mas eu acho tanta dificuldade, que eu não sei pra onde eu entro.*

*É muito difícil pra mim, por eu morar sozinha, por eu pagar aluguel, por ter essa minha vida, entendeu? Então eu acho que eu poderia fazer alguma coisa se eu tivesse alguém pra me ajudar, tipo assim, aqui em São Paulo a vida é difícil pra quem mora sozinha, quem paga tudo, entendeu? Eu já tive oportunidade de fazer aquele negócio pra ganhar bolsa, o Enem, o vestibular lá do Mackenzie, a mulher falou: “Vai, Edna, eu te ajudo”. Mas assim, foi falta de interesse meu também, e também, sei lá, é isso que eu te falo, eu não sonho, sei lá. Não sei, eu vejo minha vida assim e estou bem assim.*

Além de ter que cuidar de si própria, Edna também cuida de outros membros de sua família:

*Tem que ter dedicação [para estudar], rotina, então eu sinto muita dificuldade nisso, pra encontrar isso. Forças, entendeu? Porque não é fácil, eu tenho uma família meio complicada, um irmão que foi pro caminho errado, então eu tenho que ajudar ele, e eu não consigo abandonar, o meu dinheirinho não é só pra mim, se fosse só pra mim, dava pra eu fazer uma faculdade, tentar conseguir a bolsa e tudo, correr atrás, mas eu tenho que dividir, tenho que mandar dinheiro pra minha mãe que não é aposentada, um monte de coisas... Aí nisso, por exemplo, eu não sou, mas a minha irmã é assim, ela pensa mais nela, está*

*fazendo faculdade, é bonito, eu acho lindo, ela é casada, está fazendo faculdade, vai ser professora, mas aí não ajuda a família, mas já eu não consigo ser assim, ficar lá em cima e a minha família ficar lá embaixo. Então a dificuldade é imensa, não tem como eu abrir mão das pessoas que eu gosto pra cuidar de mim, pra querer ter uma profissão, pra querer mudar.*

E em meio a tantas dificuldades, ela tomou a vida do trabalho: *“Mas eu agradeço pela pessoa que eu me tornei, trabalhadeira, ainda penso no próximo, entendeu? Mas a minha vida não foi fácil de jeito maneira”*.

#### 3.2.4 O cotidiano de trabalho: *“Meu dia a dia é mais banheiro”*

Edna se orgulha em dizer que faz o seu trabalho da melhor maneira possível, mas aponta como nem sempre é possível atender a todas as exigências:

*Eu me dedico ao máximo no que eu posso fazer, limpo as coisas direitinho, muita gente diz que eu fico “lambendo”, mas é o meu jeito de trabalhar, eu não sou daquelas de passar um pano e ir embora, se é pra limpar, vamos limpar, se é pra limpar, vamos limpar direito, eu sou assim.*

*Mas metade das pessoas fazem só por cima, e isso acontece também porque não tem tempo, ali nas salas de aula você vê que é muita sala de aula pra uma pessoa só, então não tem tempo de ela ficar ali só naquela sala, então ela tem que ser rápida e fazer o serviço, então o que ela faz: ela tira por cima mesmo o que dá e vai pra outra, porque também não dá.*

Leny Sato (2002) observa que a partir do conhecimento prático, os trabalhadores replanejam o trabalho prescrito pela gerência, seja para amenizar os esforços do trabalho, para expressar resistência ao poder ou para tornar possível aquilo que foi planejado pelo outro. Edna traz em sua fala justamente esta impossibilidade de fazer tudo como é exigido e como o modo de limpar, muitas vezes, precisa ser modificado para que se limpe tantas salas em um só dia.

Sobre a lida com as colegas, Edna diz que prefere ser mais reservada, pois para ela, a competição é mais presente que a cooperação: *“É mais competição, um “entrega-entrega” [...] Eu acho que, às vezes, é mais competição do que união”*.

Pensando em possíveis razões para esse clima de competição que se instala, Edna aponta que todos precisam manter seus empregos e “disputam” para realizar funções que garantam um salário

mais alto. Então, ela conta que “banheiristas” são as(os) auxiliares de limpeza que passam o dia limpando apenas os banheiros, e que recebem adicional de insalubridade<sup>10</sup> por isso: “*Tipo assim, a encarregada colocou eu como banheirista, e eu vejo muita gente fazendo fofoca, querendo que eu saia pra ficar a pessoa, tem muito isso lá. [...] Aí a gente ganha 40%, né? Só que eu não sou registrada [como banheirista], mas eu ganho*”.

Sato et al. (2011), refletindo sobre a cooperação e a competição presentes em diversos ambientes de trabalho, afirmam que ambas podem se configurar de maneiras peculiares a depender da estrutura e valores sociais, ou seja, competição e cooperação têm relação com história, tradição e cultura, não devendo ser analisadas com foco no comportamento de indivíduos isolados.

A competição no ambiente de trabalho das auxiliares de limpeza é bem explicada por Edna quando ela nos conta do medo do desemprego e da remuneração diferenciada das(os) banheiristas. Vemos aí um cenário propício à competição, e como Sato et al. (2011) já apontaram:

De um ponto de vista macropolítico, constata-se que as práticas cooperativas ou competitivas podem ser estimuladas pela estrutura social, que aloca pessoas em distintas posições no campo social e circunscreve (no sentido de pôr limites) possibilidades de vínculos sociais, dados os interesses criados e que se fazem presentes, independentemente das pessoas que ocupam essas posições. (p.5)

Nessa rotina de limpar apenas os banheiros, ela nos conta da cansativa repetição e dos impactos na sua saúde:

*Tem a sequência, por exemplo, tem os banheiros para eu fazer, eu faço os banheiros, depois eu vou pra outro lugar fazer outros banheiros (risos), é muito banheiro pra fazer, aí depois eu... Assim, é que eu faço mais banheiros, meu dia a dia é mais banheiro. Mas assim, eu estou em um setor que eu acho que a menina vai voltar hoje, que é no prédio velho, aí ela que fica lá, então ela faz os banheiros e depois faz um setor, é um pouco corrido, eu mesma não paro, eu acho que eu me esforço muito, e como eu estou um pouco acima do peso, por isso também meu joelho fica doendo.*

### 3.2.5 A subordinação no trabalho: “A gente tem que querer o que eles querem”

---

<sup>10</sup> O adicional de insalubridade consiste em um direito concedido a trabalhadores que são expostos a agentes nocivos à saúde, sendo que existem graus de insalubridade que correspondem a um adicional de 10% (mínimo), 20% (médio) ou 40% (máximo).

Ainda falando sobre o quão pesada é sua rotina de trabalho como banheirista, Edna demonstra perceber suas limitações no controle de seu trabalho:

*Eu acho assim, eu gosto de trabalhar, eu trabalhava limpando escritório, né? Eu fui trabalhar no banheiro e eu vejo que eu me dei melhor trabalhando em banheiro, não sei... peguei o ritmo, eu gosto. [...] Acho que eu me encaixei, isso não quer dizer que eu posso ficar até... não, eu fico até quando a encarregada quiser, se quiserem me tirar, eu vou fazer o que? Não vou morrer, você sabe, a gente tem que querer o que eles querem.*

Edna sabe que não pode se “apegar” a uma função, e aponta a estrutura da terceirização como um fator que colabora para isso:

*É, tudo na vida você não deve se apegar, lá no Mackenzie eu era muito apegada a um setor lá, aí a encarregada me tirou, então eu vi que não vale a pena você ser apegado mais a setor, você está aqui hoje, amanhã você pode estar ali, então você tem que dar o seu melhor ali, fazer a sua parte e pronto, eu aprendi isso. Você não deve se apegar a setor nenhum, uma que a gente não trabalha pela PUC, a gente trabalha pela Empresa, na hora que a Empresa disser assim “vai pra ali” a gente tem que ir, entendeu? Não adianta a gente dizer que não quer sair de um setor, eu não tenho isso, o importante é a gente ganhar o nosso dinheiro.*

O vínculo empregatício de Edna é CLT, entretanto, o adicional de insalubridade não consta em seu registro, assim como já foi dito acima, e sobre isso ela diz: “*Não está não, era para estar, mas eu não vou ficar... É aquela coisa, quem manda são eles, eu obedeço*”.

## **4 AS REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS DO TRABALHO PARA AS AUXILIARES DE LIMPEZA DA PUC-SP**

O presente capítulo pretende analisar as experiências trazidas pelas trabalhadoras de acordo com os objetivos propostos para a presente pesquisa, abordando os principais significados e sentidos atribuídos ao trabalho, como experienciam o cotidiano e as desigualdades estruturais, além da centralidade do gênero nessa experiência.

### **4.1 Sentidos e significados atribuídos ao trabalho**

Os sentidos e significados podem ser compreendidos a partir da abordagem da Psicologia Sócio-Histórica, que toma como base a Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (1896-1934). Fundando-se no marxismo, sua filosofia, teoria e método se pautam no materialismo histórico e dialético, que compreende o ser humano como histórico, social e ativo, como um sujeito que produz sua vida material através de seu trabalho, ao mesmo tempo em que esta vida material também o constitui. Assim, a abordagem da Psicologia Sócio-Histórica se caracteriza por uma postura crítica diante da ideia de que o fenômeno psicológico é abstrato e faz parte da Natureza Humana, e defende que ele se desenvolve ao longo do tempo, refletindo a condição social, econômica e cultural em que os indivíduos vivem, então, falar do fenômeno psicológico é falar de sociedade, e falar da subjetividade é também falar da objetividade. (BOCK, 2017)

Tendo em vista estes pressupostos, podemos dizer que os significados são construídos social e historicamente, guardando relativa estabilidade. Em um campo semântico, irão corresponder às relações que a palavra pode conter, enquanto no campo psicológico, se referem a um conceito, uma generalização que, por ser compartilhada socialmente, permite a comunicação e é fundamental na construção do psiquismo. Já o sentido é mais complexo e dinâmico, é um agregado dos fatos psicológicos que surgem na consciência de cada sujeito com a evocação de uma palavra. O sentido se relaciona com complexas reorganizações e arranjos, com a mobilização da afetividade e da cognição, sendo constituído ao longo da história de vida de cada sujeito, como algo próprio dele, isto é, os significados sociais são convertidos em sentidos em um processo subjetivo que se relaciona todo o tempo com a realidade objetiva de maneira dialética. (VYGOTSKY apud AGUIAR et al., 2009)

Vemos então que o sentido diz respeito à singularidade, o que não quer dizer que os sentidos se formem apartados do que há em volta, pelo contrário, há uma relação constante e dialética entre sujeito e sociedade. E esta perspectiva abre um grande leque para investigações acerca de como as pessoas compreendem seus trabalhos, sendo que as práticas e contextos materiais se relacionarão diretamente com os processos de significação. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017)

Edna e Magorie trazem com muita exuberância a centralidade do trabalho em seus múltiplos sentidos: inserção social, manutenção da vida, e ainda, na dimensão identitária. Edna autointitula-se orgulhosamente como “*trabalhadeira*”, como uma pessoa que corre atrás daquilo que quer. Magorie, por sua vez, não exita em dizer que as pessoas que trabalham são mais respeitadas e valorizadas. Em diversos momentos, para sintetizar a enorme importância do trabalho em sua vida, Edna diz que o trabalho “*é tudo*”, e quando conta que foi em seu primeiro trabalho como auxiliar de limpeza que ela “*se ergueu*”, vemos o trabalho possibilitando seu crescimento pessoal, subsidiando uma mudança de vida.

Magorie, ao associar trabalho e *respeito*, fala tanto sobre o respeito que o trabalho lhe confere como também sobre sua postura cotidiana com os outros, ela frisa que todos a respeitam e que ela também respeita a todos igualmente. Esta dialética tensiona para uma igualdade, a igualdade possível em meio a tanta desigualdade. Parece ser um importante recurso simbólico para que ela mantenha o controle e a saúde possíveis ali, reafirmando com suas atitudes que somos “iguais”, as condições é que não o são.

O trabalho para Magorie e Edna também se relaciona ao *suprimento das necessidades materiais*. Magorie diz que o trabalho lhe possibilita comprar, por exemplo, comida e roupa, enquanto Edna não cita exatamente estes itens, mas fala sobre poder se manter, “*ter suas coisas*” e pagar suas contas. O trabalho para Magorie também aparece como uma necessidade ligada ao *sustento dos filhos*, ela mesma diz que precisa trabalhar para sustentá-los, e essa necessidade tão imperativa inclusive não permitiu que ela escolhesse exatamente com o que trabalhar. Edna, por sua vez, ainda que não tenha filhos, precisa sustentar a si mesma, e frisa que a única opção que teve foi trabalhar com limpeza, demonstrando também a impossibilidade de escolha.

Quando Magorie diz que não quer que seus filhos trabalhem na limpeza, fica ainda mais evidente que ela reconhece outros tipos de trabalho como melhores, e quer que seus filhos tenham estas outras oportunidades. Edna, ao seu modo, também aponta a desvalorização social do trabalho de limpeza, e mostra em sua fala como a desvalorização por parte do outro afeta a forma como ela mesma se vê: “*Não é falando que são melhores do que a gente, você entende, né? Mas assim, profissional, a gente tem que se manter no lugarzinho da gente*”.

As experiências carregadas de sentido vão contribuindo para a constituição da subjetividade das trabalhadoras, a relação entre trabalho e identidade remete ao lugar que o trabalho ocupa na constituição do sujeito, e as falas das trabalhadoras nos remetem a isso. Há uma coerência e continuidade na história de vida dos trabalhadores, vemos que as pessoas se constroem por meio do trabalho, vão dando sentido às experiências vividas e se transformando ao longo do tempo. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017) Na história de Edna, a continuidade fica evidente quando ela conta sobre as vezes em que foi ajudar sua mãe no trabalho e conclui que sua vida “*foi um círculo*”.

Edna fala também do trabalho enquanto uma fonte de *saúde*, mas reconhece as vezes em que ele traz doenças, como ela diz “*o trabalho tanto dá quanto tira*”, se referindo certamente à dialética do trabalho. O trabalho que lhe possibilita tanto crescimento é o mesmo que lhe causa dores no joelho e que a expõe aos riscos típicos e específicos da tarefa de limpar banheiros. Vale ressaltar que o trabalho aqui debatido é este trabalho próprio de um país de capitalismo tardio e periférico, tomado pelo ideário neoliberal no que tange às práticas de gestão e de organização do trabalho.

As duas também falam da instabilidade que marca suas relações de trabalho, o que faz com que ambas se preocupem em guardar dinheiro. Edna diz: “*Eu não gasto tudo, se eu ganhar cem, eu não vou gastar os cem, eu economizo, porque eu não sei o dia de amanhã.*” E Magorie, por sua vez: “[...] *Vou trabalhar mais para guardar um pouco de dinheiro para estar preparada quando me mandarem embora*”. O relato delas vai ao encontro do pensamento de Edith Seligmann-Silva et al. (2010) já mencionado, quando dizem que as características do trabalho contemporâneo trazem a iminência do desemprego, gerando grande insegurança nos trabalhadores. Entretanto, ainda que a necessidade de se preparar para um futuro desemprego seja clara para as duas trabalhadoras, juntar dinheiro de forma sistemática e expressiva não parece ser uma realidade, bem como Edna explica: “*Juntar muito não dá*”.

Vale refletirmos também sobre o fato de Magorie ter vendido roupas de maneira autônoma no Haiti, e ainda assim dizer que seu primeiro trabalho foi no Brasil, na empresa terceirizada, quando ela teve seu primeiro registro em carteira. Edna também relata que seu primeiro registro aconteceu apenas quando ela veio definitivamente morar em SP. Entretanto, ao contrário de Magorie, Edna reconhece as outras atividades que exerceu antes disso como trabalhos. Vemos aqui uma tensão entre sentido (o que é trabalhar para cada uma) e significado (o que é socialmente considerado trabalho), ainda assim, na fala das duas o registro em carteira aparece como um divisor de águas, afinal, traz mudanças na garantia de direitos trabalhistas, é um “carimbo” de identidade e inserção social conferido pelo trabalho no Brasil.

Vemos assim que o trabalho para Edna e Magorie está relacionado a diversos âmbitos da vida, carregando múltiplos sentidos e significados. Inserção social, desenvolvimento pessoal e familiar, possibilidade de obter respeito e valor, promoção de saúde, desvalorização social da função que exercem e a manutenção da vida de modo geral foram aspectos ressaltados em suas falas.

Além disso, para Magorie, a maternidade é uma condição que atravessa e condiciona sua experiência de trabalho, bem como voltaremos a falar adiante, enquanto para Edna, a emancipação econômica aparece com mais força.

#### 4.2 O cotidiano de trabalho e as desigualdades estruturais: entre a astúcia e a subordinação

As práticas cotidianas são guiadas por sentidos ao mesmo tempo em que os produzem. O cotidiano é composto por regularidades, mas também pelo imprevisível, pelo incontrolável, refletindo singularidades, mas também refletindo processos sociais, culturais e os saberes de ofício de cada profissão. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017)

Os estudos realizados pela Psicologia Social do Trabalho acerca desses acontecimentos cotidianos mostram que há uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, ou seja, o que de fato é realizado pelos trabalhadores, muitas vezes, difere do que foi planejado por outrem. O que constantemente se vê são tecnologias de gestão cada mais refinadas que, apesar de exercerem controle, são também limitadas pela resistência dos trabalhadores, que recebem a prescrição das tarefas, mas não as executam sem antes incluir sua astúcia e serem ativos no processo de trabalho. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017)

Para falar sobre esta astúcia, Leny Sato (2002) reconhece que dentro das empresas capitalistas privadas a democratização da fala encontra barreiras, e as negociações, os processos de planejamento/replanejamento, parecem então ser quase impossíveis. Entretanto, a autora nos diz que apesar de tal dificuldade, os trabalhadores constroem práticas de acordo, criam modos de se realizar o trabalho independentemente de ações políticas coletivas, de estratégias mais articuladas. São práticas conduzidas por cada trabalhador enquanto pessoas comuns que reconhecem as assimetrias de poder e controle e, ainda assim, permanecem e expressam-se como sujeitos da realidade social em que vivem.

Edna é enfática ao dizer que realiza seu trabalho com dedicação, sempre fazendo o melhor que pode: “[...] *Se é pra limpar, vamos limpar, se é pra limpar, vamos limpar direito*”. Ao mesmo tempo, ela não esconde as exigências que, muitas vezes, ultrapassam aquilo que é possível de ser realizado, e conta que diante de tal situação, as auxiliares de limpeza mudam o jeito de limpar cada sala para que gastem menos tempo em cada uma e possam realizar no mesmo dia o número final exigido. A astúcia desses processos se deve ao fato de que são modos táticos do “fraco” ser sujeito frente ao “forte”, ainda que não esteja se desvencilhando completamente do poder gerencial. (SATO, 2002)

É interessante também observar que quando foi perguntado à Edna como suas condições de trabalho poderiam ser melhoradas, ela diz que as pessoas precisam valorizar mais o trabalho das auxiliares de limpeza, e frisa: “*Você sabe que esse trabalho da gente não é fácil*”. Esta colocação da Edna nos lembra a afirmação de Leny (2002) quando ela aponta que “a astúcia leva alguns trabalhadores a esconderem suas reivindicações em ‘sugestões de melhoria’, um claro eufemismo,

mas que só assim interesses opostos aos da gerência e do capital podem ter passagem, serem expressos e ouvidos.” (p. 1152)

Ainda falando sobre o cotidiano, quando Edna nos diz que seu *“dia a dia é mais banheiro”* podemos compreender a frase de uma maneira literal, expressando apenas a tarefa com a qual Edna mais se ocupa em um dia de trabalho, mas também podemos pensá-la a partir de um sentido mais amplo, pensar sobre que sentido pode ter a tarefa de limpar banheiros. Além da insalubridade característica da função, Ecléa Bosi (1994), refletindo sobre o trabalho de uma empregada doméstica, profissão que guarda algumas semelhanças com o trabalho das auxiliares de limpeza, já nos aponta um sentido possível, que remete à lida diária com resíduos produzidos pelos outros:

Ela dirá à criança que já viu muitas revoluções, que tudo continua na mesma: alguém continuou na cozinha, servindo, lavando pratos e copos em que os outros beberam, limpando banheiros, arrumando camas para o sono de outrem, esvaziando cinzeiros, regando plantas, varrendo o chão, lavando a roupa. Alguém curvou suas costas atentas para os resíduos de outras vidas. (BOSI, 1994, p.73)

Apesar de se dedicar à limpeza dos banheiros, vemos que Edna não foi registrada como banheirista, ou seja, em sua carteira de trabalho não consta sua função e remuneração atuais. Esse fato recorda o que foi encontrado na pesquisa de Elisabeth Lobo (1989), quando ela diz que as mulheres que participaram de seu estudo não tinham registrados em carteira os saberes acumulados com a prática, suas funções do cotidiano não eram formalizadas.

Edna também afirma que o olhar do outro no cotidiano de trabalho, muitas vezes, exprime preconceito. Ela conta de um certo “monitoramento” por parte de outros profissionais da universidade quando ela vai limpar alguns setores: *“Eu ia pro setor e percebia que tinha gente que ficava só de olho em mim [...] ainda mais pessoas que são responsáveis pelo setor.”* E, de certa forma, ela se conforma com isso: *“Eu até entendo também, tem que passar confiança”*. Nesta fala, vemos que além de ter que realizar de forma eficiente o trabalho de limpeza em si, *“passar confiança”* também é uma exigência de sua postura profissional.

Pensando na organização do trabalho e seus impactos na saúde dos trabalhadores, Leny Sato (1993) vai buscar a representação social do trabalho penoso, estudando o significado atribuído pelos próprios trabalhadores. Familiaridade, controle e poder são algumas das categorias apontadas pela autora como importantes para que um trabalho seja considerado penoso ou não, e aqui estas categorias serão ressaltadas por terem aparecido na fala das entrevistadas.

A familiaridade é construída a partir de um processo ativo, entrelaçando o que já se sabe com o novo trazido por cada situação. A familiaridade com a tarefa permite ao trabalhador antever

problemas, pensar em maneiras de lidar com eles, então facilita o cotidiano e elimina algumas dificuldades típicas de quando se ingressa em uma nova função. (SATO, 1993) Vemos que tanto Magorie como Edna expressam familiaridade com a tarefa, Edna, especialmente, diz de forma clara que gosta de ser banheirista, como ela diz: *“Peguei o ritmo, eu gosto. [...] Acho que eu me encaixei”*.

Entretanto, ter familiaridade com o trabalho, conhecer o seu desenrolar e seus problemas, não é o suficiente quando não se tem poder para interferir naquilo que é incômodo. A impossibilidade de o trabalhador interferir ou mudar prescrições feitas a ele costuma gerar irritabilidade, principalmente quando não é possível atender a exacerbadas solicitações. (SATO, 1993) Edna e Magorie não esboçam em nenhum momento a possibilidade de negociação direta com a gerência a respeito das exigências que são feitas, o poder e controle são bastante restritos.

Esta restrição aparece com muita força quando Edna diz: *“A gente tem que querer o que eles querem”* ou *“Quem manda são eles, eu obedeço”*. Estas frases expressam consciência da subordinação, do caráter imperativo dela. Edna diz inclusive que não sabe até quando ficará na função que está atualmente e que gosta, como ela diz, ficará até quando *“a encarregada quiser”*. Ela reconhece também que o fato de ser uma trabalhadora terceirizada implica em poder ser realocada para outros lugares, e parece já se preparar para isso: *“Na hora que a Empresa disser assim ‘vai pra ali’ a gente tem que ir, entendeu?”*. E completa afirmando que *“o importante é a gente ganhar o nosso dinheiro”*, frisando a importância que o trabalho tem como provedor do sustento.

Leny (1993) diz que o baixo poder de interferência naquilo que é problemático não permite respeito ao limite subjetivo de cada trabalhador, algo que se aproxima do pensamento de Dejours (1986), já citado anteriormente, quando ele fala sobre o tipo de trabalho que gera sofrimento mental. Entretanto, ainda que o poder de planejamento das tarefas não esteja nas mãos dos trabalhadores, suas táticas adaptativas não só modificam o trabalho prescrito, como também alteram o comportamento do trabalhador para uma melhor experiência no trabalho. Podemos pensar que a adoção destas ações adaptativas, junto da familiaridade que as trabalhadoras têm com a tarefa, colaboram para que Edna e Magorie não apontem seus trabalhos como penosos.

Um exemplo de ação adaptativa se mostra na fala de Magorie, quando ela diz para as pessoas ficarem à vontade no banheiro que ela está limpando, ela não está impedindo que entrem e possivelmente atrapalhem seu trabalho, mas ela está se colocando no espaço. Quando Magorie fala *“eu digo tudo bem”*, *“eu não brigo”*, *“eu digo para ficarem à vontade”*, ela é o sujeito da frase, e exerce um controle dentro de seus limites.

Percebemos então que ainda que a herança tecnicista sustente a ideia de que o planejamento do trabalho é uma atividade técnica e prerrogativa de determinados grupos dentro dos ambientes de trabalho, sempre haverá nestes espaços pessoas que buscam dar sentido ao seu cotidiano, que *“articulam a vida fora do local de trabalho com a vida no trabalho, lidam com as exigências postas*

pelas condições e pela organização do trabalho, enfim, conduzem processos sociais, constroem modos de vida.” (SATO, 2002, p.1151)

### 4.3 A mulher, o trabalho e outras desigualdades

Além do que já foi pontuado até aqui, a experiência de trabalho de Magorie e Edna é marcada por questões de gênero que foram se revelando e se entrelaçando também a outras desigualdades sociais.

Magorie, ainda que tenha também que trabalhar fora de casa e que não more sozinha, é a principal responsável pelos afazeres domésticos em sua casa, e não questiona este fato. Há uma naturalização de tal cenário que foi sendo construída ao longo de muitos anos, e que não só impôs o trabalho doméstico às mulheres como também o transformou em um “atributo natural da *psique* e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina”. (FEDERICI, 2019, p. 42)

Para Silvia Federici (2019), o trabalho doméstico realizado gratuitamente por mulheres constitui a base que sustenta o capitalismo, portanto, o capital necessita que este trabalho seja tido como inevitável, natural, fonte de plenitude, para que as mulheres não cobrem por ele e continuem a realizá-lo mantendo a vida e recompondo forças de trabalho. Entretanto, o trabalho doméstico, longe de ser de fato natural, é difícil, e precisa ser ensinado, então mães se ocupam frequentemente do trabalho (também não remunerado) de preparar suas filhas para que elas futuramente assumam este posto em suas casas, em seus casamentos.

Silvia vai além, e defende que reivindicar salários pelo trabalho doméstico seria um ato revolucionário, pois esta reivindicação estaria recusando o papel feminino inventado pelo capital, recusando este trabalho como um fator da natureza. A autora defende que o trabalho doméstico precisa, antes de tudo se tornar visível, e a exigência de um salário, a existência de um valor econômico calculável, traria essa visibilidade tão necessária para que posteriormente as mulheres pudessem recusar essa tarefa. Sobre isso, ela inclusive explicita a diferença entre a luta das mulheres por salário doméstico e a luta dos homens trabalhadores das fábricas por aumento salarial:

Ao lutar por maiores salários, o trabalhador assalariado desafia seu papel social, mas permanece dentro dele. Quando lutamos por salários para o trabalho doméstico, nós lutamos inequívoca e diretamente contra nosso papel social. [...] Deve ficar claro, no entanto, que, quando lutamos por um salário, não lutamos para entrar na lógica das relações capitalistas, porque nós nunca estivemos fora delas. Nós lutamos para destruir o papel que o capitalismo outorgou às mulheres, que é um momento essencial da divisão do trabalho e do poder social dentro da classe trabalhadora, por meio do qual o capital tem sido capaz de manter sua hegemonia. (FEDERICI, 2019, p. 46)

Nancy Fraser (2016), em concordância com Silvia Federici (2019), afirma que o capitalismo pega “carona grátis” nas atividades de provisão, de prestação de cuidados que mantêm os laços sociais e o trabalho produtivo. A manutenção da família, a criação dos jovens, o cuidado com os idosos e a construção de comunidades de maneira geral são atividades fundamentais para a produção de novas gerações de trabalhadores e reabastecimento das que já existem.

O trabalho doméstico, além de prever o cuidado com a casa, vem sempre atrelado ao cuidado com os filhos, quando se os tem, o que inclusive afeta a participação das mulheres no mercado de trabalho, como já foi dito<sup>11</sup>. O cuidado com os filhos fez com que Magorie pontuasse desde o começo que só poderia participar da pesquisa se pudesse conceder a entrevista em seu horário de trabalho, visto que fora desse horário, ela tem este outro dever.

Em uma das menções que faz aos filhos, chama a atenção o momento em que Magorie diz: *“Os filhos vão querer comida, eu não vou ter nada para dar para eles, vão roubar”*. Podemos notar que ela faz uma associação entre a falta de recursos e a criminalidade que pode se expressar para suprir estas carências básicas, e então se preocupa em exercer seu papel enquanto provedora para evitar que isso aconteça. Ela também vê no estudo dos filhos uma possibilidade de mobilidade social, então afirma querer que seus filhos façam faculdade para ajudá-la e para não trabalharem na limpeza, como já mencionado.

Edna por sua vez, não tem filhos e marido, e fala sobre o quão bom é ser independente e pagar as próprias contas, entretanto, isso não a exime do cuidado com os outros, para além do cuidado com sua casa. O cuidar do outro é apontado pelas duas trabalhadoras como uma grande barreira para que elas olhem para si mesmas, Magorie diz que não é fácil concluir os estudos, pois tem filhos, e Edna também fala algo parecido: *“Não tem como abrir mão das pessoas que eu gosto pra cuidar de mim, pra querer ter uma profissão”*. Ainda que more sozinha, podemos dizer que Edna é arrimo de família, cuida da mãe, do irmão, eventualmente do pai, e como ela mesmo diz: *“Eu não consigo abandonar”*, *“Meu dinheirinho não é só pra mim”*.

Além das implicações advindas da desigualdade de gênero, Magorie também fala sobre o racismo no Brasil. Grada Kilomba (2019), na carta que fez à edição brasileira de seu livro já mencionado, traz a seguinte fala:

Cheguei a Berlim, onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista também deixaram marcas inimagináveis. E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de *negação*, ou até mesmo de *glorificação* da história colonial, estava agora num outro lugar onde a história provocava *culpa*, ou até mesmo *vergonha*. Este percurso de consciencialização coletiva, que começa com

---

<sup>11</sup> Para saber mais: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/12/Como-a-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-maternidade-e-desigualdade-salarial-afeta-as-mulheres>

negação-culpa-vergonha-reconhecimento-reparação, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento. (KILOMBA, 2019, p.11)

Grada conta que em Portugal, seu país de origem, há uma negação da história e, portanto, não há reparação da desigualdade. A realidade trazida por Grada também é apontada por Sueli Carneiro, fundadora do Geledés Instituto da Mulher Negra, como uma realidade brasileira. Sueli Carneiro, em entrevista à VOA (Voice of America), comentou sobre seu livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, lembrando que sair da negação foi o primeiro passo para o combate do racismo nas sociedades que efetivamente o enfrentaram e conseguiram promover inclusão social. No Brasil, nega-se a história e aprofundam-se assim a desigualdade, a intolerância e a impunidade em torno das práticas criminosas de racismo, bem como ocorre com as violências contra mulheres.

Magorie expressa ter muita consciência sobre racismo estrutural e as fundas relações entre classe e raça/etnia na determinação e expressão das desigualdades no Brasil. Ela aponta que é difícil “encontrar um preto” na PUC-SP por ser uma faculdade cara, então, nesta fala, ela reconhece como os negros têm pouco acesso a determinados espaços, como os negros, em sua maioria, pertencem às classes que não podem pagar altas mensalidades para cursar uma graduação.

Além de sua observação a respeito dos alunos da universidade, seu doloroso relato sobre o homem que disse não querer encostar nela no mercado demonstra como cotidianamente, de diversas formas, pessoas dizem onde negros não podem estar, ou como devem se portar caso estejam no mesmo ambiente que brancos, não tocando-os. É interessante recordar que Grada Kilomba (2019) certamente aponta que não é em todos os espaços que negros são vistos como “invasores”, isto é, quando os negros estão às margens, não há estranhamento:

“Aqueles/es segregadas/os são vistas/os como “suja/os” a partir do momento em que transgridem o sistema de ordenamento que as/os posicionam à margem, como marginais. Nas margens, elas e eles não são “suja/os” ou “suja/os”, mas devido ao fato de o sistema não fornecer um lugar para tais pessoas como iguais, elas se tornam contagiosamente sujas assim que adentram o centro, onde estão fora de sua ordem [...]” (KILOMBA, 2019, p. 172).

Edna, que se identificou como parda, não fez menções diretas ao racismo, mas ao contar sua história de vida, vemos como a desigualdade de classe se expressa, e como ela se vê distante de determinadas possibilidades, por exemplo, a de estudar. Ao tocar neste assunto, Edna diz que não sonha, e esta frase guarda todo o peso da determinação social, demonstra que Edna nem se imagina cursando uma graduação, já que tantas foram tantas as vezes em que se viu sendo afastada dessa possibilidade desde a sua infância.

Ainda que diga que não estuda porque lhe falta força, interesse e paciência, ela mesma vai apontando todos os fatores da vida material que lhe distanciaram dos estudos. Fala do fato de morar sozinha, pagar aluguel, ajudar a mãe, o irmão, o pai, fala sobre as violências sofridas na infância e sobre as interrupções do seu ensino básico nas vezes em que teve que viajar entre Pernambuco e São Paulo.

Magorie, por sua vez, ao recordar o fato de não ter terminado os estudos, diz: *“Eu não ligo para isso, porque o importante é que eu tenho saúde”*. A partir desta fala de Magorie, percebemos novamente um distanciamento da possibilidade de estudo, e podemos ainda recordar o pensamento de Gonçalves Filho (1998) que, como já mencionado, observou que os trabalhadores prezam muito por sua saúde, pensando em manter sua força de trabalho que lhes é tão importante para a manutenção da vida. Edna também fala da saúde a partir desta perspectiva: *“É do trabalho que eu consigo comprar as coisas, então eu tenho que estar bem pro trabalho”*.

E assim, entre as tramas de desigualdade, poder, controle, astúcia, os cuidados com a casa e com as pessoas importantes em suas vidas, Magorie e Edna sustentam a si mesmas, a suas famílias e, cotidianamente, sustentam suas existências em meio às escolhas que lhes foram permitidas e também a todas aquelas que lhes foram negadas. Percebemos que o trabalho tem majestosa importância na vida dessas mulheres, e que as desigualdades de gênero, classe e raça têm repercussões vivas em suas subjetividades e nas relações que estabelecem com o seu fazer e com o mundo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências compartilhadas pelas trabalhadoras, vemos se abrir um campo de interesse e atuação para psicólogas(os) comprometidas(os) com a saúde dos trabalhadores, para profissionais que não acreditam que os trabalhadores devem se adaptar a qualquer condição de trabalho, mas sim, que estas condições devem ser alteradas visando a saúde física e psíquica dos trabalhadores, reconhecendo sempre os impactos de gênero, classe e raça nas diferentes experiências.

Sato, Lacaz e Bernardo (2006) apontam que, tanto nos CEREST's como em Programas de Saúde do Trabalhador, a Psicologia trouxe contribuições para pensar a condição do trabalhador e fornecer subsídios para a construção de políticas públicas. Entretanto, quando são identificados aspectos da organização do trabalho que são danosos à saúde dos trabalhadores, o conflito capital-trabalho se expressa, e a lógica que preconiza a produtividade dificulta que se modifique a organização do trabalho. Ainda assim, o psicólogo em contato com as vivências e o saber dos trabalhadores deve desvendar as mediações entre trabalho e subjetividade, e contribuir para a construção de relações mais justas e saudáveis nos ambientes laborais.

Pontuamos também que, até o momento de finalização da presente pesquisa, a pandemia do coronavírus era vigente e afetava todos os trabalhadores do país, instaurando uma grande crise social. As auxiliares de limpeza terceirizadas da PUC-SP tiveram redução da jornada de trabalho e uma redução de 50% de seus salários, sendo que essa possibilidade de redução da jornada, acompanhada da redução proporcional de salário, está prevista em uma das medidas provisórias<sup>12</sup> anunciadas pelo governo como formas de evitar demissões em massa durante a pandemia<sup>13</sup>. Tal determinação prevê que o governo pague ao trabalhador uma “ajuda” (que não configura salário) no valor de 50% do valor do seguro-desemprego, e as auxiliares de limpeza que, antes da pandemia, recebiam o vale-refeição mais 110 reais referentes ao valor de uma cesta básica, tiveram o vale-refeição cortado e recebem agora apenas os 110 reais. Edna e Magorie ainda receiam que sejam demitidas caso a crise se estenda por mais alguns meses.

Sobre os impactos da pandemia no andamento do presente estudo, houve o impedimento da realização de mais entrevistas presenciais, já que o distanciamento social precisou ser adotado, apesar

---

<sup>12</sup> Para saber mais acerca da Medida Provisória 936 que rege sobre a redução de jornadas e salários: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/02/medida-provisoria-mp-936-duvidas-salario-reducao-suspensao-coronavirus.htm?cmpid=copiaecola>

<sup>13</sup> Leituras críticas têm sido feitas a respeito de tais medidas e os prejuízos que elas trazem aos trabalhadores. Para saber mais: <https://spbancarios.com.br/04/2020/em-meio-pandemia-de-coronavirus-governo-bolsonaro-violou-direitos-trabalhistas>

disso, os contatos feitos por mensagens puderam suprir as dúvidas primordiais. A árdua rotina de trabalho de Magorie e Edna também dificultou os encontros, elas não dispunham de muito tempo, entretanto, este fato já nos informa algo sobre como o trabalho aparece em suas vidas, lhes tomando muito tempo, e ainda assim, elas generosamente se abriram para compartilhar suas histórias.

Foi possível observar as repercussões do trabalho na subjetividade das trabalhadoras, como existem e resistem diante de tantas desigualdades, não só de classe, mas também de gênero e raça. Em suas falas, notamos que o direito à cidadania parece ser obtido a partir do trabalho, trabalho que também confere emancipação econômica, garante o sustento dos filhos, as insere socialmente, impacta na saúde, mantém a vida material e imaterial. O trabalho que realizam as coloca em um lugar de alta subordinação, ainda assim, vemos que elas não assistem à vida passivamente, do modo que é possível, elas expressam sua astúcia e resistência. Reafirmamos assim a importância do compromisso ético-político da Psicologia diante destas desigualdades, e sugerimos como estudos futuros um aprofundamento nas questões migratórias que marcam a experiência de trabalhadoras como Magorie, como também investigações acerca dos impactos que a crise do coronavírus tem provocado nos setores terceirizados.

Vale lembrar que nem sempre a Psicologia se colocou para pensar o trabalho na perspectiva aqui adotada. Odair Furtado (2000) e também Peter Spink (1996) lembram que, bem como já foi dito, a Psicologia por muito tempo serviu primordialmente aos interesses do capital, a propósito, na Revolução Industrial, os modelos taylorista e fordista entraram em ascensão, era necessário um aumento na produção, então, a Psicologia entrou nas empresas fazendo treinamentos e aplicando muitos testes que haviam sido validados em outros países. Apesar de esta atuação ainda existir, hoje a Psicologia Social do Trabalho vem fazendo um contraponto a esta abordagem, estudando o trabalho a partir da perspectiva da classe trabalhadora. Odair (2000), falando sobre a importância de se construir uma Psicologia comprometida socialmente, explicita aquilo que se pretende:

Evidentemente, não se trata de construirmos uma psicologia classista, voltada exclusivamente para os trabalhadores, para as classes populares. Tal compromisso representa apenas que precisamos romper com uma psicologia que tem sido classista de uma outra forma. Olhando apenas para um lado da sociedade, para os bem sucedidos, para o mercado, para quem pode pagar. (FURTADO, 2000, p. 228)

E por fim, não deixamos de recordar a Profa. Sílvia Tatiana Maurer Lane, que lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP e foi pioneira ao questionar a Psicologia Social brasileira e seu posicionamento frente às desigualdades do Brasil e de toda a América Latina. Destacando a corrente da Psicologia Sócio-Histórica, suas formulações teóricas, bem como suas práticas, se voltavam para uma transformação social, e seu legado, iniciado ainda na década de 70, é

celebrado até os dias de hoje por cada pesquisador que, ao escolher seu tema de pesquisa, pensa em qual realidade pretende contribuir para mudar. (BOCK et al., 2007)

Uma Psicologia atenta às desigualdades deve ouvir o que os trabalhadores têm a dizer, ouvir as histórias a partir de quem as vivencia, para que suas formulações teóricas dialoguem com a realidade vivida. E ainda que a almejada justiça social não esteja próxima, lançar luz a essas experiências foi o que pretendemos com este trabalho.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira de et al. In: GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; BOCK, Ana Mercês Bahia. (orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p.54-72.

ANTUNES, Bruna Meurer; CARLOTTO, Mary Sandra; STREY, Marlene Neves. Mulher e trabalho: visibilizando o tecido e a trama que engendram o assédio moral. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 420-445, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682012000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 abr. 2019.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. Dimensões da precarização estrutural do trabalho. In: DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia. (orgs.). **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.13-22.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização como regra?. **Revista TST**, Brasília, v. 79, n.4, p. 214-231, 2013. Disponível em: <[https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/55995/011\\_antunes\\_druck.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/55995/011_antunes_druck.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BENTO, M. A. S. Os psicólogos de R.H., a igualdade e a diversidade no trabalho. In: SAWAIA, B. B.; NAMURA, M. R. (orgs.). **Dialética exclusão/inclusão: reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da Psicologia Social Crítica**. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 2002, p. 39 - 54.

BOCK, Ana M. Bahia. Fundamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2017, p. 21 - 32.

BOCK, Ana M. Bahia et al. Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 19, n. spe2, p. 46-56, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000500018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mai. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: \_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 59 - 67.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771993000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. LEI Nº 13.429, DE 31 DE MARÇO DE 2017. **Dispõe sobre o trabalho temporário nas empresas urbanas e dá outras providências; e sobre as relações de trabalho na empresa de prestação de serviços a terceiros**. Brasília, DF, mar. 2017. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1000&pagina=1&data=31/03/2017>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017. **Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho**. Brasília, DF, jul. 2017. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=14/07/2017>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 29-37, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2019.

COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (orgs.). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de. Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de identificação e identidade. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (orgs.). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 81-102.

CRELIER, Cristiane. PRETOS ou pardos representam dois terços dos subocupados em 2018. **Estatísticas Sociais**. [S. l.], 6 nov. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25879-pretos-ou-pardos-representam-dois-tercos-dos-subocupados-em-2018>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

DAVIS, Angela Yvone. (1981). **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, Christophe. Por um novo conceito de saúde. **Rev. bras. saúde ocup**, São Paulo, v. 14, n. 54, p. 7-11, abr./jun. 1986.

DIOGO, Maria Fernanda; MAHEIRIE, Kátia. Alguns sentidos atribuídos ao trabalho doméstico por serventes de limpeza. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 257-272, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172008000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 mar. 2019.

ESTEVES, Egeu; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (2017). Fontes do pensamento e das práticas em Psicologia Social do Trabalho. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (orgs.). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 49-80.

FEDERICI, Silvia. (2019). **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. Contradictions of capital and care. **New Left Review**, v. 100, p. 99 - 117, jul-ago. 2016. Disponível em: <<https://newleftreview.org/issues/II100/articles/nancy-fraser-contradictions-of-capital-and-care>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

FURTADO, Odair. Psicologia e compromisso social - Base epistemológica de uma psicologia crítica. **Rev. Psicol. Soc. Instit.**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 217-229, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/artigo%205.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. IBGE mostra as cores da desigualdade. **Revista Retratos**. [S. l.], 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social - um problema político em psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 01 ago. 2019.

HIRATA, Helena; HUMPHREY, John. Estruturas familiares e sistema produtivo: Famílias Operárias na Crise. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 111-131, dec. 1992. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20701992000100111&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701992000100111&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 mai. 2020.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 139-156, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 mai. 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 77-104, abr. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702018000100077&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000100077&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 jun. 2020.

LACAZ, F. A. O campo da saúde do trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.4 , p. 757-766, 2007.

LOBO, Elisabeth Souza. Experiências de mulheres. Destinos de gênero. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 169-182, jun. 1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20701989000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701989000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 out. 2019.

MARX, Karl. (1867). **O Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. (1932) **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MENDONÇA, Heloísa. MULHERES negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil. **El País**. São Paulo, 13 nov. 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512\\_623918.html?%3Fssm=FB\\_BR\\_CM&fbclid=IwAR3q0C2xt4DE-3PWXsrJsoEE6ZP54M1djWMJo5WYSIRSI3kZifMu5YKVsYI](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512_623918.html?%3Fssm=FB_BR_CM&fbclid=IwAR3q0C2xt4DE-3PWXsrJsoEE6ZP54M1djWMJo5WYSIRSI3kZifMu5YKVsYI)>. Acesso em: 28 out. 2019.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 47-56, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 mar. 2019.

NEGROS têm IDH que brancos tinham em 2000, mostra pesquisa. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 10 mai. 2017. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,negros-tem-idh-que-brancos-tinham-em-2000-mostra-pesquisa,70001770848>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

PAPARELLI, Renata; SATO, Leny; OLIVEIRA, Fábio de. A saúde mental relacionada ao trabalho e os desafios aos profissionais da saúde. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 36, n. 123, p. 118-127, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572011000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572011000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PAPP, Anna Carolina. ENTRE graduados, branco ganha quase 30% a mais do que negro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,entre-graduados-branco-ganha-quase-30-a-mais-que-negro,70002085985>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

PARADELLA, Rodrigo. DIFERENÇA cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens. **Estatísticas Sociais**. [S. l.], 8 mar. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em: 31 out. 2019.

PERET, Eduardo. MULHER estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. **Estatísticas Sociais**. [S. l.], 7mar. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

PINTOR, Eliana Aparecida da Silva; GARBIN, Andréia De Conto. Notificações de violência relacionadas ao trabalho e vigilância em saúde do trabalhador: rompendo a invisibilidade. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 44, e20, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572019000100604&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572019000100604&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SANTOS, Maria Cláudia. **Hipocrisia brasileira com relação aos afrodescendentes – Sueli Carneiro**. 14 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/racismo-sexismo-e-desigualdade-no-brasil/>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

SATO, Leny. A representação do trabalho penoso. In: SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SATO, Leny. Prevenção de agravos à saúde do trabalhador: replanejando o trabalho através das negociações cotidianas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 5, p. 1147-1157, oct. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2002000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000500002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 mai. 2020.

SATO, Leny; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 4, p. 869-878, dec. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

SATO, Leny; LACAZ, Francisco Antonio de Castro; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Psicologia e saúde do trabalhador: práticas e investigações na Saúde Pública de São Paulo. **Estud. psicol.**, Natal , v. 11, n. 3, p. 281-288, dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2006000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mai. 2020.

SATO, Leny et al . As tramas psicossociais da cooperação e da competição em diferentes contextos de trabalho. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 63, n. spe, p. 2-14, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Edith et al . O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo , v. 35, n. 122, p. 187-191, dec. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SPINK, Peter Kevin. A organização como fenômeno psicossocial: Notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 8, n° 1, p. 174-192, jan./jun., 1996. Disponível em: <[https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/spink\\_-\\_a\\_organizacao\\_como\\_fenomeno\\_psicossocial.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/spink_-_a_organizacao_como_fenomeno_psicossocial.pdf)>. Acesso em: 01 de jun. 2020.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dec. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2019.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Conforme Res. n. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “AS MULHERES E O TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DE TRABALHADORAS DA LIMPEZA DA PUC-SP” (nível graduação) sob responsabilidade da pesquisadora Jéssica Rodrigues Queiroga e supervisão da Profa. Dra. Cris Fernández Andrada (contatos de ambas abaixo). Após esclarecida sobre os objetivos, métodos e procedimentos do estudo e demais informações a seguir e, no caso de aceitar fazer parte do estudo, pedimos que assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, não haverá qualquer prejuízo na sua relação comigo e com a instituição da qual faço parte.

Será realizada uma entrevista prolongada com o objetivo de recolher informações para a compreensão de como as mulheres responsáveis pela limpeza da PUC-SP têm suas vidas afetadas pela rotina de trabalho, quais significados e sentidos elas atribuem ao trabalho em suas vidas e como experienciam os estigmas potencialmente ligados à função que exercem.

O objetivo dessas entrevistas é estritamente acadêmico. Destacamos que sua participação é voluntária e que a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento. A não-autorização do uso do material também pode ser requisitada em qualquer tempo. Além disso, o sigilo está garantido e sua identidade não será revelada, a não ser que opte expressamente por identificar-se abaixo. Você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa nos contatos abaixo durante as entrevistas ou a qualquer momento. O material poderá ser utilizado em futura publicação, sempre com finalidade acadêmica. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Frisamos ainda que o áudio da entrevista será gravado e transcrito a texto, para ser editado e analisado de acordo com os objetivos do estudo. Após este processo, comprometo-me a entregar-lhe uma cópia do material para sua revisão. Os arquivos das entrevistas serão armazenados sob sigilo, em computador de meu uso pessoal, ao qual somente eu tenho acesso.

Importante mencionar possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa. Ainda que mínimos, podem ocorrer desconfortos devido à experiência de recordar passagens difíceis de sua experiência de trabalho, exigentes do ponto de vista afetivo. Neste sentido, asseguramos tomar todos os cuidados possíveis para evitar, minimizar ou mesmo reparar estes desconfortos, antes, durante e após a realização da entrevista. Como benefícios, de modo geral, seu depoimento poderá contribuir para o registro da singular experiência vivida pelas mulheres trabalhadoras da limpeza da PUC-SP, de modo que se espera contribuir para a compreensão dos processos que envolvem saúde e subjetividade de trabalhadoras em funções semelhantes. De modo particular, sua participação na pesquisa pode significar uma oportunidade para refletir mais detidamente sobre suas experiências de trabalho.

---

Pesquisadora Responsável: Jéssica Rodrigues Queiroga

Supervisora: Profa. Dra. Cris Fernández Andrada

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP**

**R. Monte Alegre, 984 -Bairro Perdizes-CEP 05014-901 -São Paulo (SP)- Telefone: (11) 3670-8000**

**E-mails: jessicaqueiroga5@gmail.com / cris.andrada@gmail.com**

**Telefone pessoal da Pesquisadora Responsável: (11) 96802-2707**

**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP's, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP Rua Ministro Godói, 969 - Sala 63-C - Bairro Perdizes - CEP 05015-001 - São Paulo (SP) e-mail: cometica@pucsp.com - Telefone: (0xx11) 3670-8466**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinada, concordo em participar da pesquisa “As mulheres e o trabalho: a experiência de trabalhadoras da limpeza da PUC-SP” como sujeito (entrevistada-depoente). Fui devidamente esclarecida pela pesquisadora Jéssica Rodrigues Queiroga sobre a pesquisa, seus procedimentos, e os possíveis riscos e/ou benefícios envolvidos na minha participação.

- Gostaria de revelar minha identidade (nome próprio)  
 Não gostaria de revelar minha identidade (utilizar nome fictício)

Local e data:

---

Assinatura:

---

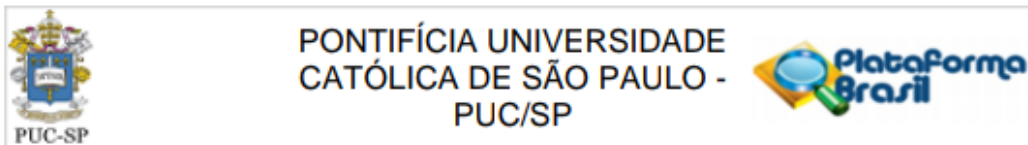
Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas

1. Com quantos anos você começou a trabalhar?
2. Como foram seus trabalhos anteriores? (se houver)
3. Desde quando você trabalha na empresa terceirizada que presta serviços para a PUC-SP?
4. Como é o vínculo empregatício?
5. E desde quando trabalha aqui na PUC-SP?
6. Como é para você trabalhar aqui?
7. Como é o trajeto da sua casa para o trabalho?
8. Qual o sentido do trabalho na sua vida?
9. Você considera que pôde escolher esse trabalho?
10. Como você acha que o trabalho influencia na sua vida?
11. Me conta um dia típico do seu trabalho.
12. O que você teria como sugestão para a melhora das suas condições de trabalho?
13. Você identifica já ter sofrido alguma situação de preconceito no seu cotidiano de trabalho?
14. Ou mesmo fora do local de trabalho, mas um preconceito por ser trabalhadora do setor de limpeza...
15. O que para você é ser uma mulher trabalhadora?
16. Você acredita que aparece alguma diferença entre as mulheres e os homens no seu cotidiano de trabalho?
17. Você acredita que seja um desafio conciliar o trabalho com as outras coisas da vida que é preciso cuidar?

Fonte: Autoria própria

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



Continuação do Parecer: 3.727.697

gravadas, posteriormente transcritas e analisadas de acordo com o marco teórico-metodológico adotado. Como direções procedimentais da pesquisa, sugere-se as seguintes etapas: 1. Revisão Bibliográfica, de início e de modo transversal, sobre o campo social e conceitual da pesquisa, recorrendo especificamente a leituras e investigações históricas, sociológicas e psicossociais sobre as repercussões psicossociais do trabalho e a condição da mulher trabalhadora; 2. Submissão do Projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 3. Prospecção do Campo, com três etapas nitidamente marcadas: a) promover contato com a supervisora das trabalhadoras da empresa que terceiriza os serviços de limpeza na PUC-SP; b) colher elementos que possibilitem selecionar as pessoas a serem entrevistadas; c) acordar os termos da pesquisa com as trabalhadoras, especialmente quanto aos cuidados éticos a serem tomados em todo o seu desenvolvimento, em consonância com a legislação vigente (Res. N. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP ); 4. Realização das Entrevistas, de acordo com um roteiro amplo, previamente elaborado com base nos objetivos da pesquisa e em consonância com a revisão bibliográfica. Destaca-se que os áudios das referidas entrevistas serão gravados e posteriormente transcritos a texto, para serem revistos e editados, com a anuência das entrevistadas, que receberão uma cópia do material para revisão. Os arquivos das entrevistas (áudios e textos) serão armazenados sob sigilo, em computador de uso pessoal da pesquisadora, ao qual apenas ela tem acesso; 5. Análise Qualitativa, a partir da sistematização das entrevistas, apoiada na revisão bibliográfica, e confecção do texto final. Os depoimentos poderão contribuir para a compreensão e registro das experiências vividas por essas trabalhadoras singularmente. E de modo geral, espera-se contribuir para a compreensão dos processos que envolvem saúde e subjetividade de trabalhadoras em funções e condições semelhantes."

**Objetivo da Pesquisa:**

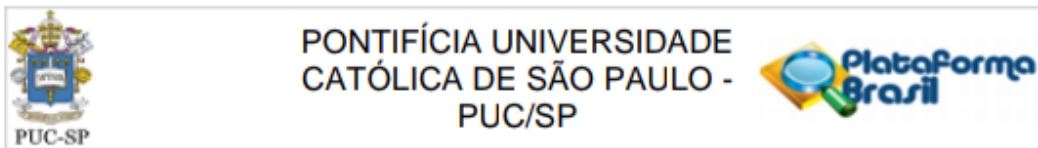
Objetivo Primário:

Compreender as repercussões psicossociais vivenciadas pelas trabalhadoras responsáveis pela limpeza da PUC-SP.

Objetivo Secundário:

Compreender quais significados e sentidos elas atribuem ao trabalho em suas vidas; como experienciam a estereotipia, estigmas e preconceitos potencialmente ligados às funções que exercem; e a centralidade do gênero nessa experiência do trabalho.

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.727.697

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: [www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios](http://www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios)

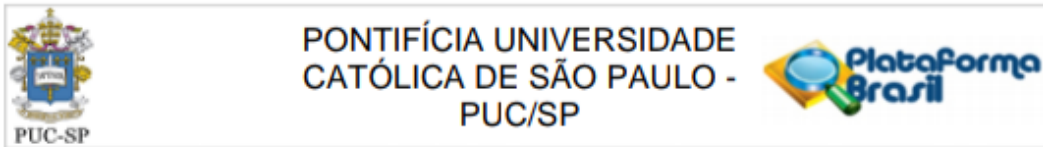
Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

<b>Endereço:</b> Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	<b>CEP:</b> 05.015-001
<b>Bairro:</b> Perdizes	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO PAULO
<b>Telefone:</b> (11)3670-8466	<b>Fax:</b> (11)3670-8466
	<b>E-mail:</b> <a href="mailto:cometica@pucsp.br">cometica@pucsp.br</a>



Continuação do Parecer: 3.727.697

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

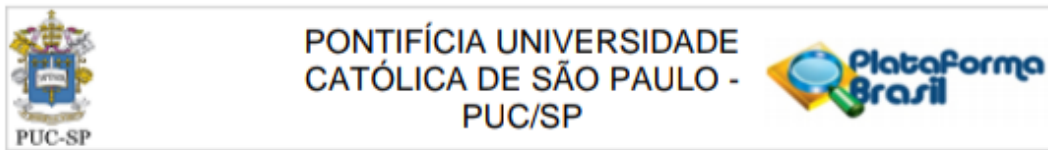
**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1447280.pdf	11/10/2019 17:50:02		Aceito
Outros	parecer_merito.pdf	11/10/2019 17:39:02	JESSICA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Mulher_e_trabalho.docx	11/10/2019 17:35:44	JESSICA RODRIGUES QUEIROGA	Aceito
Outros	autorizacao.pdf	11/10/2019 16:23:56	JESSICA RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	11/10/2019 16:22:06	JESSICA RODRIGUES	Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.docx	09/10/2019 23:59:43	JESSICA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_Jessica.docx	09/10/2019 23:58:03	JESSICA RODRIGUES	Aceito

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.727.697

Justificativa de Ausência	TCLE_Jessica.docx	09/10/2019 23:58:03	JESSICA RODRIGUES	Aceito
---------------------------	-------------------	------------------------	----------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 26 de Novembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Antonio Carlos Alves dos Santos**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br